

[www.autoresespiritasclassicos.com](http://www.autoresespiritasclassicos.com)

**Léon Denis**

## **Socialismo e Espiritismo**

*Traduzida do Francês*  
*Léon Denis - Socialisme et Spiritisme*  
*(1924)*



Gustave Courbet - Cortadores de Pedras



### **Conteúdo resumido**

Nessa obra, Léon Denis mostra seu pensamento sobre as importantes causas sociais. Em suas próprias palavras, Denis afirma que “Socialismo e Espiritismo estão unidos por laços estreitos, visto que o primeiro oferece ao segundo o que lhe falta a mais, isto é, o elemento de sabedoria, de justiça, de ponderação, as altas verdades e o nobre ideal sem o qual este último corre o risco de permanecer impotente ou de mergulhar na escuridão da anarquia.”

## **Sumário**

<b>Prefácio.....</b>	<b>3</b>
<b>Capítulo I .....</b>	<b>16</b>
<b>Capítulo II.....</b>	<b>26</b>
<b>Capítulo III .....</b>	<b>34</b>
<b>Capítulo IV .....</b>	<b>43</b>
<b>Capítulo V .....</b>	<b>53</b>
<b>Capítulo VI .....</b>	<b>62</b>
<b>Capítulo VII.....</b>	<b>72</b>
<b>Capítulo VIII .....</b>	<b>81</b>

## Prefácio

Não conheço o texto original de Léon Denis que serviu de base à presente tradução de Wallace Leal Rodrigues e igualmente não encontrava motivo para esta análise que me foi solicitada por esse dedicado companheiro de doutrina. Aliás, suas observações e notas já haviam aumentado sobremaneira o volume em relação ao texto original e incluído dados históricos e biográficos importantes sobre a matéria.

Vale observar, ainda, de início, que o trabalho de Léon Denis sobre “Socialismo e Espiritismo” foi redigido quando ainda não se conheciam os principais experimentos políticos originados com as teorias de Engels, Marx e Lenine, nem as distorções de conceitos e mesmo de conteúdo. Mas o primeiro destaque deve ser dado às diversificações do Socialismo, pois, deformado em sua análise e aplicação, tem servido de cobertura para estruturas de Estado que não correspondem à sua realidade doutrinária.

O Cristianismo tem sua base nos princípios socialistas, relativamente à forma de organização da sociedade. Allan Kardec, no tópico “As Aristocracias” de seu livro *Obras Póstumas*, analisa o processo de socialização do poder, em perfeita consonância com o que consta do 1º capítulo de *A Gênese*, com esta confissão tão próxima de Marx: “Infelizmente, as religiões têm sido instrumento de dominação”.

O extraordinário criador de *Sherlok Holmes*, Arthur Conan Doyle, à página 51 de seu livro *La Nouvelle Révélation* (Edições Payot, Paris, 1919), afirmava: “O homem é livre na medida em que coloca seus atos em harmonia com as leis universais. Para reinar a ordem social, o Espiritismo, o Socialismo e o Cristianismo devem dar-se as mãos; do Espiritismo pode nascer o Socialismo idealista”.

Filho de operário, já aos 12 anos de idade trabalhava Léon Denis descolando folhas de cobre na Casa da Moeda de Bordeaux. Conta-se que muitas vezes seus dedos sangravam no contato áspero

com o metal. Essa origem operária ajudou a marcar o sentido social de sua vida, mesmo porque até a visão deficiente foi consequência do esforço noturno do estudo, já que trabalhava durante o dia.

Com raízes operárias e ele próprio trabalhando de dia para garantir os estudos de noite, pôde mais tarde dedicar-se ao movimento cooperativista e ao serviço beneficente do ensino. Por isso mesmo não lhe foi difícil compreender, conforme expõe neste trabalho, que “Socialismo e Espiritismo estão unidos por laços estreitos, visto que o primeiro oferece ao segundo o que lhe falta a mais, isto é, o elemento de sabedoria, de justiça, de ponderação, as altas verdades e o nobre ideal sem o qual este último corre o risco de permanecer impotente ou de mergulhar na escuridão da anarquia”. E reforçou essa afirmativa acentuando que “o Socialismo poderá tornar-se uma das alavancas que levará a humanidade para destinos melhores”.

A procura de uma nova ordem social em que o homem não seja o lobo do homem, mas o seu irmão, é o sonho de toda a humanidade. Nenhum cidadão de sentimentos firmados nos princípios do Cristianismo pode aceitar, sem uma justa reação, as disparidades sociais e econômicas que colocam fabulosas riquezas – em geral mal ganhas e mal utilizadas - ao lado de agrupamentos de párias que não têm o mínimo para sobreviver.

Kardec, em *Obras Póstumas*, no capítulo “Liberdade, Igualdade e Fraternidade”, como em *O Livro dos Espíritos*, destaca: “Risquem-se das leis e das instituições, das religiões e da educação, os últimos restos da barbárie e os privilégios; destruam-se por completo todas as causas que dão vida e desenvolvimento a estes eternos obstáculos do verdadeiro progresso e que, por assim dizer, aspiramos por todos os povos na atmosfera social, e então os homens compreenderão os deveres e benefícios da fraternidade, e a liberdade e igualdade se estabelecerão por si mesmas de qualquer forma”.

Estava Kardec seguro de que chegaremos a essa fase de justiça social com liberdade e igualdade e, ainda em *Obras Póstumas*,

pode orientar para que a alcancemos, afirmando: “a aspiração do homem para uma ordem de coisas melhor que a atual é um indício certo da possibilidade de que chegará a ela. Cabe, pois, aos homens amantes do progresso ativar esse movimento pelo estudo e a prática dos meios julgados mais eficazes”.

Essa compreensão das mudanças de estrutura e da própria ordem social está profundamente comprometida com o conteúdo da doutrina espírita, que se baseia na justiça da reencarnação, mas que atribui ao ser humano a tarefa fraterna de auxiliar o irmão, procurando eliminar as diferenças através de uma prática social que permita ao homem auxiliar o semelhante necessitado com os bens que possua.

Os dogmas que envelheceram reclamam uma outra vivência e, por isso, a revolução que representou o Cristianismo, abalando os alicerces do poderio romano na palavra meiga do Nazareno, tem o mesmo sentido da revolução que o Espiritismo prega, visando a destruição do egoísmo e levando os homens à convicção de que nada possuem de seu, pois que são meros depositários dos bens materiais e simples usufrutuários da riqueza. Desse depósito e desse usufruto haverão de dar conta na sucessão das reencarnações.

Não havia violência na pregação de Jesus, embora Ele fosse claro e preciso com referência à riqueza, toda vez que lhe era propiciada uma oportunidade de manifestar-se. E os apóstolos seguiram-lhe os passos.

A própria Igreja Católica procura atualizar-se socialmente, como se fizesse uma autocrítica na procura do Cristianismo primitivo. Tem, no entanto, dificuldades intransponíveis, porque a estrutura conservadora de muitos séculos é uma séria barreira ao encontro da via socialista para diminuir as desigualdades flagrantes e as injustiças sedimentadas pela ordem social vigente. A introdução da Encíclica *Mater et Magistra* seguiu a linha da *Rerum Novarum* e da *Populorum Progresso*. Já o Papa Pio XI denunciava como principal vício do capitalismo liberal o divórcio entre a

ordem econômico-social e a moral, embora não pudesse a igreja passar da palavra à ação.

O problema, porém, não estava apenas em diagnosticar as raízes da miséria e em condenar a voracidade do capitalismo, mas em procurar os caminhos para essa justiça social que foi banida do planeta. Aí, as dificuldades se acumularam e a Igreja não passava do diagnóstico...

A conversão cristã teria que vir com a revisão de Zaqueu, no encontro com Jesus, anulando as injustiças praticadas com a restituição dos bens e a dispensa dos privilégios que mantinha.

Enquanto a conversão de Zaqueu não se amplia com a repetição do gesto, a ordem estabelecida fica intocável e o comprometimento com as iniquidades sociais e com as estruturas sedimentadas é reafirmado a cada momento.

Não foi uma advertência vã a de Jesus ao moço rico que pretendia segui-lo e ao qual recomendou que deixasse seus bens, nem a observação quanto ao óbolo da viúva que dera tão pouco e no entanto fora a dádiva maior, porque enquanto outros ofertaram do que lhes sobrava, ela doara do que lhe fazia falta. Não foi, também, sem razão que as lições se repetiram, demonstrando que a riqueza deveria estar a serviço da comunidade de tal maneira que o mau uso da propriedade poderia significar maiores empecilhos para alcançar o Reino dos Céus. “É mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no reino dos céus” (Mateus 19:24)

No Deuteronômio (15,4) está o clamor para que não haja lugar para a pobreza, com a condenação dos lucros e juros, no Levítico (25, 35, 38) ou a condenação de exploração do homem (Levítico, 19:13).

As lições do Cristianismo primitivo estão vivas, renascendo nos princípios da doutrina espírita que eclodiu praticamente com a revolução industrial na Europa.

A substituição de um sistema social por outro não foi a solução, porque o que se faz necessário é uma ordem social baseada na fraternidade e no amor ao semelhante.

As próprias nações ricas luxam à custa da miséria do denominado terceiro mundo, fornecedor de matérias-primas, mergulhado num alarmante índice de mortalidade infantil, fornecendo uma mão-de-obra aviltada numa atmosfera de doenças, de miséria e de fome, onde o homem não se diferencia do animal no tratamento que recebe. Por isso mesmo, Kardec pôde comparar as nações aos homens quando advertiu que se elas seguissem o preceito de não fazer às demais o que não desejassem que lhes fizessem, o mundo viveria sob o signo da paz e do progresso.

“Vencido o egoísmo, será mais fácil extirpar as outras paixões que corroem o coração humano”, lembra Léon Denis.

De fato, o nosso edifício social a ser construído pelo Socialismo pode não excluir todas as iniquidades, porque a condição humana não é de perfeição, mas, sem dúvida, significará muito na edificação de uma sociedade menos injusta.

A constatação dessas iniquidades não é feita apenas pelos espíritas que pregam uma ordem social mais cristã. Os documentos mais recentes da Igreja Católica (“Subsídios para Puebla”, Documento nº 13 – Conferência Nacional dos Bispos Brasileiros – Edições Paulinas, 1978, pág. 8), são utilíssimos na constatação dessa realidade:

“Observa-se no continente latino-americano uma exacerbação do conflito opressores e oprimidos, devido a uma situação de gritante iniquidade social.

A iníqua repartição das rendas vem propiciando um perigoso afrontamento das classes sociais.

A posse dos meios de produção concentra-se nas mãos de grupos poderosos ou do Estado, ao mesmo tempo em que se acelera a desnacionalização das economias nacionais, pelo domínio crescente das multinacionais”.

A revolução que significa o Espiritismo é mais profunda, porque penetra as bases do comportamento humano e implica uma revisão de princípios morais, sem o que a revisão jurídica, econômica e social não seria alcançada com eficácia.

Mas devemos compreender que o Socialismo não pode ser uma fórmula artificial que deva ser imposta de forma ditatorial neste ou naquele país, neste ou naquele continente.

Partindo do fundamental, compreendendo o Socialismo como uma reação da coletividade contra o predomínio dos interesses individuais ou grupais, teremos que admiti-lo com características próprias de cada comunidade, sob pena de copiarmos exemplos desajustados de cada uma das realidades nacionais.

Uma incursão pela história nos faz passar pelo Socialismo de Platão, Thomas Morus, Campanella, Engels, Marx, Lenine, etc., mas as contradições que podem nos levar exatamente ao contrário do que se procura estão nas limitações puramente econômicas das fórmulas e da análise.

O Espiritismo acrescenta um outro elemento ao Socialismo, distinguindo-o das outras fórmulas, embora reconheça que Platão não só aplicou o método psicológico para explicar o surgimento do Estado em razão das necessidades do homem, como advertiu dos riscos com a multiplicação dessas necessidades. Aí exatamente é que, nascendo o comércio e surgindo o dinheiro, o homem acostumou-se ao excesso e ao luxo e, com estes, adveio a ganância, complicando a estrutura primitiva do Estado. Em conseqüência, a pobreza e a riqueza teriam que conviver, guerreando-se através dos tempos. Lembra Platão que nessa altura a paz interior desaparece e “até o menor Estado se divide em duas partes distintas: o Estado dos pobres e o dos ricos, que se digladiam”.

O Espiritismo, embora compreenda e explique certos fenômenos sociais e econômicos através da lei da reencarnação, tem que ser eminentemente revolucionário no sentido de reivindicar as mudanças da estrutura da sociedade, combatendo a concentração da



riqueza e a ausência de fraternidade que significam a manutenção dos privilégios e dos excessos no uso dos bens.

Jesus, filho de artesãos, ensinando pelo próprio nascimento a grande lição evangélica dos simples e o amor pelos pobres, foi um revolucionário por excelência, mas não se transformou num caudilho a serviço de grupos ou partidos, porque sua missão transcendia as misérias do império romano e não podia, por isso mesmo, perder-se no labirinto das paixões políticas e das artimanhas da burocracia da administração.

A vida de Jesus e dos apóstolos ao lado da população cristã de Jerusalém era a demonstração prática e real dos ensinamentos que pregavam a fraternidade e a vida comunitária.

É evidente que os tempos são outros e que com o progresso técnico e científico, com a revolução industrial e as mudanças sensíveis na forma de vida e de convívio social, não se poderia reproduzir a mesma atmosfera e exigir da comunidade atual que vivesse como os apóstolos.

No entanto, os princípios que fundamentavam aquela vida, ou seja, o sentido de cooperação e de auxílio, o amor pelos humildes e necessitados, a repartição dos bens com o semelhante, a predominância do sentimento sobre a ganância, do amor sobre o ódio, são imutáveis no correr dos séculos e marcam o verdadeiro sentido cristão da vida.

O Espiritismo não prega novidade quando realiza o chamamento à vida simples e fraterna.

Figuras inesquecíveis como São Vicente de Paulo e São Francisco de Assis, há séculos, são legendas desse amor cristão.

O fundador da Ordem dos Franciscanos era filho de um rico comerciante e, no entanto, ao invés de herdar-lhe os bens e a fartura, atendeu ao chamamento de uma “voz interior”, voltando-se para os pobres.

E São Vicente de Paulo teve sua biografia resumida numa frase que costumamos reproduzir pela beleza da comparação: “Nele,

como em certas plantas nas quais as flores nascem antes da folhagem, a caridade nasceu antes da razão”.

Como, no entanto, eliminar “as pragas da propriedade privada” de que falava Thomas Morus na Utopia?

Como continuidade histórica do Cristianismo, o Espiritismo no seu sentido evolucionista caminhou para o encontro com os ideais socialistas e não teve dúvida em afirmar através de Kardec que “uma nova ordem de coisas tende a estabelecer-se e os mesmos que a isso se opõem com mais empenho são exatamente os que mais o ajudam, sem sabê-lo”.

Mas onde estariam essas pragas da propriedade privada?

Einstein, citado por Humberto Mariotti (*O Homem e a Sociedade numa Nova Civilização* – Edicel, São Paulo, 1967), em afirmativa constante de artigo na revista *Gauche Européenne*, de Paris, janeiro de 1957, apontava essas causas:

“A anarquia econômica da sociedade capitalista, tal como existe hoje, constitui, a meu ver, a fonte real de todo o mal”.

E prossegue Einstein:

“Por uma questão de clareza, chamará doravante por trabalhadores a todos aqueles que não compartilhem da propriedade dos meios de produção, ainda que isto não corresponda ao uso normal do termo”.

Para o Espiritismo, os bens são concedidos em custódia e o seu usufruto apresenta valores espirituais que são creditados aos que compreenderam que esses bens não lhes pertencem, sendo o homem mero instrumento no uso da propriedade a serviço do conjunto social.

Deve ter sido esse o fundamento de Cosme Marino, para afirmar que “o Socialismo é um capítulo do Espiritismo” no seu livro *El Concepto Espiritista del Socialismo*, editado em Buenos Aires em 1960 pela Editora Victor Hugo.

Outro não é, também, o objetivo de Humberto Mariotti no seu já citado volume *O Homem e a Sociedade numa nova Civilização*.

O Socialismo deve “promover as reformas ousadas, acelerando a evolução para a transformação”, na expressão de Léon Blum, conceito que não se afasta daquele que entende que o cristão sincero e fiel às origens do Cristianismo tem que ser acessível à renovação social e às transformações que nos levem a uma sociedade justa, como preconizou o Divino Mestre. Para isso é necessário coragem, renúncia e sinceridade de propósitos.

Jean Jaurès, nos seus *Discours à la Jeunesse*, de 1903, assim o reconhecia: “coragem é ir ao ideal e compreender o real... É procurar a verdade e dizê-la; é não seguir a lei da mentira triunfante, e não fazer da nossa alma, da nossa boca e das nossas mãos eco dos aplausos imbecis e dos gritos fanáticos”.

Reconhecemos que o capitalismo envelheceu e que muitas foram as modificações por que passou a sociedade.

Assistimos ao surgimento do contrato trabalhista, eliminando o trabalho escravo – embora ainda vigente mesmo depois da abolição da escravatura –, a redução das horas de trabalho, as férias, as licenças, o descanso semanal remunerado, etc. Mas a sociedade capitalista, por sua vez, reagiu a essas conquistas e, assim, confiou à inteligência jurídica da época as medidas legais que lhe facultassem sobreviver e aí se instalaram os trustes, as multinacionais, as sociedades anônimas, os títulos de crédito, a garantia fiduciária, as fortunas móveis, que encontram tranqüilo sono no segredo dos depósitos de bancos suíços, as falências que deixam os falidos mais ricos do que antes...

Essas adaptações de sobrevivência justificaram afirmações como estas de Walter Lippmann e Nicholas Murray Butler, respectivamente (Walter Lippmann, *A Cidade Nova*, 1938, páginas 32 e 329):

“O capitalismo moderno não teria podido se desenvolver se a sociedade por ações não existisse”.

“A *sociedade por ações* foi a maior descoberta dos tempos modernos, mais preciosa que a do vapor e da eletricidade”.

Um ponto, no entanto, é sempre colocado em debate quando se examina o tema que foi objeto do trabalho de Léon Denis – *Socialismo e Espiritismo* –, o relativo ao materialismo histórico e à interpretação do conceito econômico como fundamental e o da luta de classes como essência do Marxismo.

Alemão de nascimento, Marx, após os estudos no Colégio de sua cidade natal, cursou as Universidades de Bonn e Berlim, indo em 1843 para Paris, a fim de dedicar-se ao estudo do Socialismo com Arnold Ruge, em colaboração com o qual editou os *Deutsch-Französische Jahrbüchen*, onde publicou os primeiros estudos conhecidos depois como marxistas, particularmente *A Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*.

O conceito materialista da história não se conjuga com a doutrina espírita e, nesse aspecto, as posições são inconciliáveis.

Convicto de que a economia política constitui a base da sociedade capitalista e que a atividade intelectual não é senão reflexo da evolução econômica, Marx dedicou-se inteiramente ao estudo dessa matéria.

O conceito materialista da história, assim exclusivamente compreendido, iria constituir-se numa irreconciliável divergência com o Socialismo que fosse capaz de conviver com o Espiritismo.

Estava Marx preocupado com o elemento revolucionário da história e não com a origem das coisas. Negava valor à afirmação dos filósofos idealistas de que as transformações provinham, antes de tudo, do espírito ou da razão absoluta, porque entendia que elas tinham origem nas condições materiais da existência. Parecia mais preocupado em localizar a realidade ou a verdade social, mas a falha de sua interpretação do homem está exatamente na exclusão do elemento moral e espiritual.

Mas essa divergência fundamental não poderá invalidar todo um acervo de estudos de interpretação econômica da história que ele processou com dedicação e boa fé. Basta aos espíritas e demais espiritualistas suprir essa falha de interpretação, incluindo a visão cristã dos fenômenos.

O combate ao marxismo, aliás, tem sido feito de maneira sectária, em geral tendo em vista apenas a preocupação de defesa dos dogmas de certos grupos religiosos ou de interesses de grupos econômicos ameaçados.

O Marxismo trabalha os fatos, mas o certo é que expressou realidades sociais e econômicas, embora lhe faltando o importante suporte do fenômeno espiritual que Allan Kardec pesquisou e definiu em sua importante obra de codificação da doutrina dos espíritos.

Considerava Marx o espiritualismo uma irrealidade e o responsabilizava pelo apoio aos regimes reacionários e conservadores. Ignorou a essência revolucionária do Cristianismo e deixou de considerar que os erros estavam na sua distorção e não na sua essência original.

Jules Moch, em *Socialisme Vivant* (Editora Robert Lafont, Paris, 1960), em um dos seus capítulos analisa a questão relativa ao materialismo histórico. Aponta o materialismo clássico de certos filósofos como irreconciliável com as doutrinas religiosas que distinguem a alma eterna do corpo perecível, visto que, segundo essa escola, a vida está indissolavelmente ligada à matéria e, nesse caso, a alma só existe no corpo e pelo corpo. Assim, sublinha que o materialismo histórico de Marx é a tese segundo a qual os fenômenos econômicos constituem o substrato da vida dos grupos humanos e são eles que a condicionam e que exercem uma influência dominante na evolução social, política ou moral dos homens, não tendo qualquer relação com o materialismo clássico. E afirma, ainda: “Não devemos, de resto, levar a teoria do materialismo histórico às suas últimas conseqüências; seria absurdo reduzir toda a evolução das sociedades a considerações econômicas, assim como negar a influência de outros fatores morais ou humanos”.

“O Socialismo moderno – prossegue Jules Moch – está longe de ser uma análise apenas econômica. É muito mais do que isso, pois visa permitir ao homem a sua livre expansão em todos os campos e

sua libertação de todas as opressões econômicas, políticas e espirituais. É essencialmente uma revolta contra a injustiça, contra a ‘desumanização’ do homem numa sociedade que repousa sobre o proveito sem trabalho, o apetite do ganho e do lucro. Será este protesto incompatível com uma crença filosófica ou religiosa? Antes, pelo contrário: o Socialismo e a religião não podem esbarrar um no outro, pelo simples fato de as suas zonas de ação não se sobreporem. As religiões, mesmo quando visam moralizar a vida, tendem essencialmente a dar ao homem uma esperança depois da morte; o Socialismo quer libertar a vida e não se preocupa nem com a origem nem com o destino final do homem”.

O livro de Léon Denis tem a virtude de reativar o debate em torno do Socialismo e do Espiritismo, permitindo a continuidade de uma análise que julgamos oportuna, especialmente agora quando o Partido Socialista, na França, elegendo o seu Presidente, procura, sem a violência das revoluções pelas armas, as modificações viáveis para abrir caminho ao programa de socialização gradual, democraticamente, respeitada a estrutura pluripartidária.

O imposto sobre a fortuna – medida adotada pelo governo socialista da França – é já um passo importante na melhor distribuição da renda, fazendo utilizar o excesso da concentração de bens e capital em favor das camadas necessitadas e desassistidas.

Afinal, a natureza nos ensina com a essência da vida, nada nos cobrando pelo ar que respiramos, pela chuva que alimenta as lavouras e mantém os rios, pela luz que nos chega todos os dias, pelo calor que o sol distribui a todos, sem indagar de origem, condição social, econômica e geográfica, exemplificando com a gratuidade de seus serviços e sem a procura de recompensa.

A lição da natureza dando o seu capital sem reivindicar lucros ou vantagens, proveitos ou benefícios, é uma legenda inscrita na consciência coletiva, reclamando do homem a exemplificação da fraternidade, que está na palavra do Divino Reformador quando aconselhou fazer ao semelhante o que desejamos que ele nos faça.

Abril de 1982.

*Freitas Nobre*

## Capítulo I

Espiritismo e Socialismo estão unidos por laços estreitos, visto que o primeiro oferece ao segundo o que lhe falta a mais, isto é, o elemento de sabedoria, de justiça, de ponderação, as altas verdades e o nobre ideal sem o qual este último corre o risco de permanecer impotente ou de mergulhar na escuridão da anarquia.

Todavia, antes de tudo, importa bem definir os termos que empregamos. Para nós, o Socialismo é o estudo, a pesquisa e a aplicação de leis e meios susceptíveis de melhorar a situação material, intelectual e moral da Humanidade. Nessas condições são numerosas as nuances, as variedades de opiniões, de sistemas, desde o Socialismo Cristão até o Comunismo, e todo o homem cuidadoso com a sorte de seus semelhantes pode se dizer socialista, quaisquer que sejam, aliás, suas predileções.

Minha intenção é bem menos tratar a questão social do ponto de vista político ou econômico do que pesquisar qual parte de influência o Socialismo poderia ter sobre a evolução do espírito humano e, particularmente, sobre a educação do povo. As questões sociais, que haviam revestido há algum tempo um caráter violento e ameaçavam atear fogo ao edifício que nos abriga, perderam um pouco de sua acuidade. Este é o momento de considerá-lo sem paixão, sem amargor, com a calma que convém aos espíritos refletidos, interessados na justiça, desejosos de facilitar a evolução de todos na paz e harmonia. Como veremos, a questão social é, acima de tudo, uma questão moral.

Nós subscrevemos voluntariamente as reivindicações legítimas da classe operária reclamando para o trabalhador a sua parte de influência e de bem estar, seu direito aos benefícios industriais e seu lugar ao sol, porém reprovamos os meios violentos e revolucionários que seriam um perigo para a sociedade ocidental, depois de ter arruinado a sociedade russa.



O que caracteriza atualmente aos nossos olhos o estado de espírito do Socialismo, à exceção de algumas raras unidades, é o conhecimento insuficiente e muito rudimentar das leis universais; sem observação delas, toda obra humana está condenada por antecipação à impotência, à esterilidade, quando não culmina em desordem, em caos.

A vida das sociedades, como a do Universo, é equilibrada por forças opostas, forças contrárias, o equilíbrio perfeito é a ordem, a paz, a harmonia; mas, desde que uma dessas forças arroja-se sobre as outras, é a perturbação, a confusão, o sofrimento. O estado de inferioridade de nosso mundo provém precisamente da instabilidade das forças físicas e sociais em ação à sua superfície, pois uma se repercute sobre a outra.

Todo passado nos demonstra a predominância das classes elevadas, ditas dirigentes, sobre o povo reduzido ao estado de miséria. Hoje em dia, são as classes trabalhadoras que por vezes desejam alçar-se e dirigir por sua vez a sociedade. Mas o despotismo que vem debaixo não é melhor do que aquele que vem do alto; é talvez pior, pois que mais brutal e mais cego.

Depois da última guerra<sup>1</sup> o nível intelectual e moral baixou sensivelmente, as paixões se desencadearam, os apetites e a avidez se tornaram mais ásperos e mais ardentes; é que sua melhor parte de homens se foi; levados por seu devotamento, seu espírito de sacrifício, eles correram para a morte como para uma festa, enquanto os outros, mais prudentes, menos desinteressados, souberam preservar sua vida. Aqueles que se ofereceram em holocausto para a salvação de outrem planam em multidão acima de nós<sup>2</sup>, assimilam forças e luzes novas. Eles retornaram bem cedo ao seio desta Humanidade que tem necessidade de seu concurso para trabalhar para sua evolução. Desde já, na geração que surge, espíritos de valor tomaram seu lugar e em uma vintena de anos vê-los-emos se afirmarem por seus méritos e virtudes adquiridos. Entretanto, até lá, teremos que atravessar um período difícil durante o qual todos os que têm consciência de seu dever de solidariedade e

que nos liga a todos, os espíritas sobretudo, terão de pagar por suas pessoas e guiar seus semelhantes no caminho árduo do progresso.

A grande lei da evolução, que rege todos os seres, deve também servir de base a toda organização social. Cada um tem o direito a uma situação relativa às suas aptidões e suas qualidades morais. Ora, é a aquisição que trazemos de nossas vidas anteriores que a educação espírita poderia esmerilhar.

O essencial seria, pois, fazer conhecer ao homem, antes de tudo, de onde ele vem e para onde ele vai, isto é, qual a finalidade real da vida e a sua destinação. Somente então surgirá em toda claridade e em todas as conseqüências sociais essa solidariedade que liga os seres em todos os graus de sua ascensão, constringendo-os por seu próprio bem a retornar à Terra e a todos os outros mundos nas condições mais diversas, a fim de aí adquirir as qualidades inerentes a esses meios e, muitas vezes também, resgatar um passado culposo.

Depois das doutrinas do passado, que não nos trouxeram senão a obscuridade e a incerteza, o Espiritismo projeta uma viva claridade sobre o caminho a percorrer; no encadeamento de nossas vidas sucessivas ele nos mostra a ordem, a justiça e a harmonia que reinam no Universo. Que o socialista se torne razoável e adote esta grande doutrina, esta ciência vasta e profunda, que esclarece todos os problemas e nos fornece provas experimentais da sobrevivência; que os seus participantes se impregnem e conformem com ela os seus atos e o Socialismo poderá se tornar uma das alavancas que levará a Humanidade para destinos melhores.

– 0 –

Posto que me seja detestável, creio dever insistir sobre o estado de espírito no qual me proponho tratar deste vasto assunto.

Nasci na classe operária e nela não conheci senão lutas e privações. Meu pai era canteiro, depois se tornou pequeno empreiteiro, mas o trabalho faltava muitas vezes e era preciso mudar de profissão. Eu mesmo, depois de ter recebido uma

instrução muito sumária, me iniciei como pequeno empregado de comércio e o labor manual não me é estranho. Já aos doze anos eu descolava *fians*<sup>3</sup> de cobre na Casa da Moeda de Bordeaux e meus dedos de criança, sob o atrito do metal, muitas vezes se tingiam de sangue. Aos dezesseis anos, em uma fábrica de faianças em Tours, eu carregava o cesto nos dias em que se fazia o desenformamento das peças. Aos vinte anos, em uma manufatura de couros, eu carregava peles nas horas de aperto ou manobrava *la marguerite*, grosso instrumento de madeira que serve para amaciar os couros. Obrigado, durante o dia, a ganhar o meu pão e o dos meus velhos pais, eu consagrava muitas noites aos estudos, a fim de completar minha ligeira bagagem de conhecimento, e daí data o enfraquecimento prematuro de minha visão.

Depois da Guerra de 1870, compreendi que era preciso trabalhar com ardor para a educação do povo. Com este fim e o auxílio de alguns cidadãos devotados, havíamos fundado, em nossa região, a “Liga do Ensino”, da qual me tornei secretário geral; foram criadas bibliotecas populares e se iniciaram em pouco, por toda a parte, séries de conferências; isto para demonstrar que sempre guardei o contacto com as classes trabalhadoras, que partilhei de seus cuidados e suas aspirações para o progresso. Tornei-me muito interessado no movimento cooperativo e, por muito tempo recebi, a título gracioso, os livros de um grupo de operários cordoeiros reunidos em um empreendimento comum.

Agora que a idade branqueou minha cabeça e que a experiência chegou, aprecio mais altamente as vantagens que proporcionam a toda alma as reencarnações entre os humildes e a livre aceitação da lei do trabalho. Com efeito, o trabalho é um preservativo soberano contra as armadilhas da paixão, uma espécie de banho moral, um sinônimo de alegria, de paz, de felicidade, quando é realizado com inteligência e obstinação.

Assim eu compreendo melhor porque a lei da evolução leva imensa maioria de seres a renascer no seio de classe laboriosa para aí desenvolver sadias energias, fortalecer o caráter, tornar o homem

verdadeiramente digno deste nome. Na luta constante contra as necessidades, no esforço cotidiano para se sair do aperto das necessidades, pouco a pouco a vontade se afirma, o julgamento se consolida, as mais belas qualidades desabrocham. É por isso que as maiores almas que passaram pela Terra – Cristo, Joana D’Arc e tantos outros nobres espíritos – quiseram renascer nas condições mais obscuras, para servir de exemplo à Humanidade.

– 0 –

Devo dizer aqui que, no curso de minha vida, desde minha infância, em meio às dificuldades que tive de vencer, sempre fui sustentado pelo *lado de lá*. Nos momentos em que acabei de falar, eu me sentia levado em meu caminho por uma força invisível, uma força da qual ainda ignorava a natureza, pois meus guias espirituais só se revelaram um pouco mais tarde. Entretanto eu possuía já uma faculdade mediúnica, aquela da psicografia, e obtinha comunicações de forma bastante literária. Mas esta faculdade desapareceu de súbito quando me tornei conferencista. Meus protetores do espaço me explicaram que haviam adaptado seus recursos fluídicos às minhas facilidades oratórias, aos meios de improvisação como sendo mais eficazes para a difusão do Espiritismo. Pude notar muitos casos análogos de transformação de faculdades psíquicas, sobretudo entre os médiuns de incorporação.

Nessa época eu não tratava ainda publicamente de questões espíritas, escolhia assuntos a elas relacionados, mais ou menos diretamente, tais como “A pluralidade dos mundos habitados”, “O gênio da Gália”, “Joana D’Arc” e outros assuntos que permitiam abordar, incidentalmente, o problema do mundo invisível.

Não foi senão por volta de 1880 que abordei franca e publicamente esta questão. As platéias eram pouco favoráveis e foi preciso, mais de uma vez, suportar os escárnios, as objeções pueris e sobretudo o alarido. Hoje, os conferencistas espíritas encontram um melhor acolhimento. Se seus auditores não são sempre convictos, pelo menos escutam com cortesia. Essas diferenças de

atitude dão a medida exata dos progressos realizados por nossas crenças em um período de 40 anos.

Foi sobretudo ao curso de minhas conferências contraditórias na Bélgica, com Volders<sup>4</sup> e Oscar Beck, duas fortes cabeças do Partido Socialista, que eu pude dar-me conta de que este estava profundamente imbuído de teorias materialistas e, por conseqüência, na impossibilidade de estabelecer conexão com seu plano de reforma às leis gerais do Universo, cuja essência é por inteiro espiritualista. É verdade que existem brilhantes exceções, entre as quais citarei Jaurès<sup>5</sup> que foi sempre um espiritualista convicto, eloqüente e mesmo poeta em suas horas. Mas parece-me que a esse respeito ele não fez escola.

De minhas constantes relações com os trabalhadores de toda ordem, uma consideração se depreende: é que os operários, sejam das cidades, sejam dos campos, tomados individualmente, isolados, são pouco acessíveis às doutrinas subversivas: comunismo e anarquismo. Sem dúvida, guardaram do passado, dos séculos de servidão, uma espécie de atavismo intuitivo que os torna hostis a todas as formas de opressão; mas possuem no fundo de si mesmos o sentimento da realidade, amam a justiça e o progresso.

É sobretudo nos grandes centros industriais que os excitadores têm mais acesso sobre as massas operárias e que a palavra dos oradores inflamados, com ruim arrivismo, alcança-as melhor, propelindo-as para os excessos. Porém estes têm, geralmente, pouca duração. A França é um país de bom-senso e de razão e que permanecerá refratária às teorias do bolchevismo e outras doutrinas estrangeiras. O que se chama de “luta de classes” não existe senão no papel. Em realidade não há mais classes desde a Revolução, não há mais entre elas limites precisos, pois há penetração recíproca e contínua. Todo trabalhador econômico pode se tornar patrão. A burguesia tem suas raízes no povo e nele se recruta incessantemente: é de seu seio que se elevaram a maioria dos homens que ilustraram a Humanidade; foi daí que se alçaram tantos burgueses, graças ao seu trabalho ou ao seu talento. Por outro lado,

quantos pequenos rendeiros, pequenos proprietários então, em razão da guerra e de suas conseqüências econômicas, não caíram no proletariado? Seu número é difícil de ser fixado, pois, mudando de situação, mudam quase sempre de residência e vão se perder no turbilhão das grandes cidades.

A desgraça é que os campos se despovoam e que a pleora das cidades se acresce sem cessar. Desertam-se dos trabalhos sadios para irem se confinar em locais estreitos, privados de ar e de luz. Assim, a raça se esteriliza, míngua e resvala em um declive perigoso.

– 0 –

Parece que assistimos a um começo de desagregação da sociedade. O cimento que liga os elementos do edifício, isto é, o espírito de família, a disciplina social, o patriotismo, o sentimento religioso, etc., se enfraquecem e se decompõem.

A quem remonta a responsabilidade deste estado de coisas? Em grande parte à Igreja e à Escola. Petrificada em seus dogmas, a Igreja se tornou impotente para comunicar ao corpo social essa fé viva que é a grande força, a própria alma das nações. Seu catecismo, incompreensível e incompreendido, é notoriamente insuficiente para esclarecer e guiar as crianças do povo nos caminhos difíceis da existência. Certamente, é verdade, podem ainda com isso se contentar; mas uma sociedade inteira não pode viver desse pão ressecado e endurecido.

Falemos da escola atual, ampla e obrigatória. Ela foi uma reação contra a escola congregacionista imbuída de prejuízos dogmáticos e de doutrinas seculares. Os promotores da escola laica tinham um programa e uma finalidade: fazer todos compartilharem, num ímpeto de entusiasmo, sua confiança na solidariedade humana pela difusão da educação e o conhecimento dos princípios que afirmam o dever e a participação de todos na obra comum. Essa instrução era complementada por noções de moral impregnadas de ideal espiritualista. Os manuais de Paul Bert e de Compayrè ensinavam a

existência de Deus, a imortalidade do ser, e procuravam reacender o fogo sagrado nas almas francesas. Seus sucessores, entretanto, em sua política terra-a-terra, eliminaram pouco a pouco estas noções de idealismo e a escola caiu sob a influência materialista.

Desde então, a instrução laica, desprovida de elevação, desenvolveu o sentimento pessoal. Do orgulho ao egoísmo não vai mais que um passo e, trinta anos depois, este cresceu graças ao bem estar procurado por uma civilização materialista. Quando a instrução é desprovida de freio moral, de sanção, e vê-se imiscuir a paixão material, ela não faz senão superexcitar os apetites, os desejos de gozos e se traduz por um egoísmo desenfreado.

É preciso, pois, combater o egoísmo por um ensino idealista regenerador. Vencido o egoísmo, será mais fácil extinguir as outras paixões que corroem o coração humano.

A escola neutra representa, hoje em dia, um conjunto de conhecimentos privados do bem moral necessário para constituir uma educação, uma direção eficaz. Ela reencontrará o seu prestígio, o seu poder benéfico, assimilando uma doutrina espiritualista independente, suscetível de substituir todos os ensinamentos confessionais. Ora, essa doutrina só o Espiritismo pode fornecer. Aguardando essa fusão necessária, qual é o papel de nós espíritas? É o de criar, de multiplicar o exemplo de nossos irmãos lioneses, as escolas dominicais onde a doutrina e a moral espíritas são ensinadas às crianças, assim como aos adultos.

O que dissemos da escola primária aplica-se igualmente ao ensino superior e mesmo à ciência, a qual não é ainda senão um conjunto de teorias passageiras, de hipóteses provisórias que um século edifica e que o século seguinte destrói e substitui, como o demonstra o Sr. Charles Richet, com um vigor e uma franqueza merecidos.

É verdade que uma ciência se edifica pouco a pouco. Ela tem por base a experimentação psíquica; mas ela se choca com tantos prejuízos, preconceitos e rotinas materialistas, que se passará muito tempo antes de realizar esta síntese necessária e esperada que

religará as ciências atuais, parciais, fragmentárias, em um todo harmonioso, isto é, em uma concepção geral da vida e do Universo. Ela se tornará assim um móvel de ação, um foco de luz capaz de iluminar e de guiar o homem nas vias até aqui incertas de sua destinação.

A ciência não é feita, ela se faz; um dia, tornada integral e homogênea, abraçará em seus estudos os mundos visível e invisível que penetrará neste oceano de vida oculta que nos envolve. Ela conhecerá as leis e, acima de tudo, essa grande lei de ascensão que convoca cada um de nós através dos tempos para um bem estar melhor. Então, chegado a este domínio elevado do conhecimento, poderá servir de base ao destino e à educação. Pois ela será não apenas uma lei, mas também uma lei moral a oferecer à Humanidade.

Hoje, ela é ainda um balbucio de criança ensaiando por pronunciar as primeiras letras do grande livro eterno e divino.

Esmagada sob o peso da matéria, cuja densidade é maior entre nós do que sobre os globos vizinhos, sufocada por uma atmosfera envenenada, pelos fluidos das paixões terrestres, como o homem poderá conhecer a vida invisível que preenche o espaço? Como poderá fazer uma idéia dessas hierarquias espirituais que se superpõem até os cumes da Sede incriada? É, entretanto, isto que o homem tem mais necessidade de conhecer, pois é o fim supremo de seus esforços, a sanção de seus atos, a compensação reservada às suas provas e seus males.

É verdade que pela descoberta das forças radiantes e dos estágios sutis da matéria a ciência humana começou a entrever a possibilidade de uma vida invisível, mas, antes de ter analisado esse estágio da vida por seus métodos atuais, antes de ter examinado as leis, as conseqüências morais, podem se escoar muitos séculos! Esperando que nossa ciência terrestre tenha chegado à altura das necessidades sociais, eis que o ensinamento dos Espíritos vem abrir mais vastos horizontes, iniciando-nos nas leis da harmonia Universal. Pouco a pouco, sobre todos os pontos



do globo, uma comunhão se estabelece entre os vivos e os mortos e logo da Terra inteira se elevará um hino de júbilo, o grito de reconhecimento e de amor para com Aquele que em Sua sabedoria e Sua providência permitiu que esta grande revelação se produzisse no momento mesmo em que a Humanidade parece se inclinar para um abismo de trevas e de dores, para Aquele que dispôs todas as coisas com uma Sabedoria, uma Providência, uma Arte infinitas.

## Capítulo II

Nosso mundo, dissemos precedentemente, é arrastado por uma corrente poderosa para uma era de transformação social. O Socialismo, qualquer que seja a opinião que dele se faça, que se o aprove ou que se o condene, tem perseguido seu caminho a despeito das resistências e se tornou uma força com a qual é preciso contar. Ele tem para si o futuro; ele triunfará, talvez, sob formas bem diferentes daquelas sob as quais é concebido hoje e sua obra será pacífica ou sangrenta, conforme o princípio, a idéia mestra que a inspirará.

No momento, os socialistas estão divididos em escolas rivais. Eles trabalham de maneira diversa para reunir os elementos necessários a fundar um novo edifício social. Falta-lhes, porém, o essencial, o cimento que deve reunir esses elementos, isto é, a fé elevada e o espírito de sacrifício que ela inspira. Falta-lhes o ideal poderoso que aquece, fecunda e vivifica.

Para construir a cidade futura, para fixar a lei definitiva, é preciso, antes de tudo, conhecer a lei Universal do progresso e da justiça e tomá-la por guia, pois, se não conformarmos nossas obras pela lei eterna das coisas, não faremos senão uma obra efêmera construída sobre a areia e que virá abaixo.

A ciência é, por alguma razão, importante neste momento crucial que atravessa o mundo e o penetra de mais em mais? Não, é apenas a vontade de fazer cessar ou pelo menos minorar o sofrimento humano; é o desejo intenso de pôr fim às iniquidades sociais que inspira o Socialismo sob suas formas variadas.

Esse movimento, que a ciência não criou, chegará até ela indicando-lhe, dirigindo-lhe, assinalando-lhe a finalidade elevada que deve enobrecer, idealizar seus esforços? Deste ponto de vista a ciência atual é impotente.

Assim, como vimos, os socialistas que se inspiram em certas teorias científicas, erigiram o materialismo e o ateísmo, à altura de

um princípio. Fez-se tábua rasa de todas as esperanças no Além, de toda a idéia de imortalidade, de toda concepção de um ideal divino. E é esse estado de espírito que a torna estéril ou funesta. Assim como já dizia Mazzini, o grande democrata italiano de seu partido<sup>6</sup>, pode-se dizer de todos os partidos: “Vejo em torno de mim o estado de dissolução, o individualismo ao qual deságua, forçosamente, a ausência de um pensamento religioso, de um pensamento elevado; vejo nessa ausência a causa da perda temporária e aí encontro a explicação de todos os fenômenos que nos entristecem”.<sup>7</sup>

Perguntar-me-ão se este sentimento elevado de justiça e de solidariedade, se este ideal superior é conciliável com o conflito dos interesses e a luta pela vida. Pode-se exigir do homem, em nome de princípios políticos ou de direitos econômicos, que ele renuncie ao seu egoísmo, ao seu amor-próprio, ao seu áspero agarramento aos bens materiais?

Para colocar um freio às paixões violentas, às cobiças furiosas, a todos os baixos instintos que entravam o progresso social, não é preciso apelar para a inteligência e a razão; é preciso, sobretudo, falar ao coração do homem, ensiná-lo a reconhecer a finalidade real da vida, seus resultados, suas conseqüências, suas responsabilidades, suas sanções. Enquanto o homem ignorar o alcance de seus atos e sua repercussão sobre o seu destino, não haverá melhoria durável na sorte da Humanidade. O problema social é, sobretudo, um problema moral, dissemos. O homem será desgraçado enquanto for mau.

E entretanto, o povo, apesar de sua ignorância e suas falências originais, permanece ainda acessível às verdades consoladoras. Ele sofre, extravai-se e por vez se exaspera, mas vibra quando sabe que haverá apelo ao seu sentimento generoso. Sua educação está por ser feita, por inteiro, do ponto de vista psíquico. Nele o materialismo bóia na superfície. Há um grande trabalho a ser empreendido através destas extensões quase incultas!

Edgar Quinet<sup>8</sup> via corretamente quando escrevia: “Como não se aperceber de que o problema religioso envolve o problema político

e econômico e toda a solução deste último não tem senão valor de uma hipótese há tanto tempo que ainda não se resolveu o primeiro”.

Com efeito, é preciso lembrar que é em sua fé religiosa que as comunidades cristãs do oriente e do ocidente e, na América, as Sociedades dos Quakers, dos Chacres, etc., encontraram as regras de disciplina, o princípio da associação e de devotamento que assegura o bem-estar, a prosperidade dessas instituições e de seus aderentes.

Mas em nossa época e em nossa França a fé religiosa não tem mais intensidade para servir de base a uma transformação social ou a uma organização econômica. Os ensinamentos nebulosos das Igrejas sobre as condições da vida futura, seu dogmatismo estreito, suas ameaças pueris, relativas aos castigos imaginários, tudo isso terminou por semear, até mesmo entre seus fiéis, o ceticismo ou a indiferença.

Mas eis que a revelação dos espíritos vem aclarar com uma luz implacável as condições da vida no Além e o destino dos seres. Por ela, a lei da reparação se impõe a todos; não mais sob a forma de um inferno ridículo, mas por existências terrestres que podemos observar, constatar em torno de nós, existências de labor, de sofrimentos e de provas em meio às quais os seres resgatam um passado culposo e conquistam um futuro melhor. Assim a sanção se torna precisa. Cada um de nossos atos recai sobre nós e seu conjunto constitui a trama de nosso destino. A justiça e a solidariedade aí encontram sua plena e inteira aplicação. Sentimo-nos ligados aos nossos semelhantes na medida dos sacrifícios que por eles fizemos destinados a nos reencontrar, a nos unir, a nos seguir através de etapas inumeráveis nas condições sociais as mais variadas, ao curso de nossa ascensão para uma finalidade grandiosa e comum.

Os ensinamentos do além-túmulo exercem sobre aqueles que os recebem uma impressão profunda, pois que emanam, as mais das vezes, de seres que conhecemos e amamos na Terra, de nossos próprios parentes e amigos, como prova de identidade, detalhes

psicológicos que não permitem duvidar da natureza nem da presença dos manifestantes. Em suas mensagens sugestivas, estes descrevem suas sensações na vida do espaço, suas respectivas situações boas ou más, segundo seus méritos e seu grau de evolução. Eles descrevem os sofrimentos morais causados por uma lembrança das faltas cometidas e a necessidade do retorno à carne para desenvolver as energias latentes no *Eu*, para reparar e para evoluir. Esses ensinamentos proporcionam a todos os que deles participam uma compreensão mais nítida das grandes leis de justiça e de harmonia que regem o Universo e, por isso, oferecem maior coragem na prova, maior resolução no cumprimento do dever.

À medida que tais conhecimentos se propagam, uma corrente se estabelece entre o Céu e a Terra, entre os adeptos e seus protetores invisíveis. Para lá se alçam as aspirações humanas e de lá descem as forças, os socorros, as inspirações. De mais a mais vê-se produzir entre os participantes essa radiação da alma, essa expansão do coração, vê-se criar uma atmosfera de fraternal confiança que tornará mais fácil a solução de numerosos problemas sociais que o egoísmo, a ignorância e o ódio haviam até aqui tornado insolúveis. Foi isso que permitiu ao grande escritor inglês, Sir Arthur Conan Doyle<sup>9</sup>, escrever a respeito do Espiritismo: “Recebemos há alguns anos uma nova revelação que se distancia de muitos dos maiores acontecimento religiosos sobrevindo após a morte de Cristo, pois ela muda inteiramente o aspecto da morte e a sorte dos humanos. Encontra-se ali uma revelação que nos faz fitar a morte face a face sem temor e é uma imensa consolação, quando aqueles que amamos passam para o outro lado do véu”.<sup>10</sup>

– 0 –

Em realidade poder-se-ia dizer que o Espiritismo é um socialismo etéreo baseado sobre as regras absolutas da justiça e sobre as leis da consciência e da razão. Seus princípios são imutáveis. Eles mostram à Humanidade o caminho do dever pelo qual ela se proporcionará a verdadeira luz e a plenitude de suas liberdades e de seus direitos. Os espíritas sabem que a obra divina

representa o trabalho da justiça, a sabedoria e a beleza. Tudo age, progride e sobe, desde o átomo até Deus. As leis da evolução são soberanas, mas sobre nossa Terra essa evolução não pode ser senão lenta e gradual.

Se puséssemos ver as coisas do alto, constataríamos que essa evolução de nosso planeta segue regras fixas. Atualmente já entramos em posse de forças radiantes, de correntes de ondas que nos permitem comunicar nossos pensamentos a toda distância e que abrem nossos horizontes à ciência.

Logo, por processos análogos, entraremos em relação com as sociedades do espaço e delas receberemos exemplos e lições.

A grande iniciação é assim, vertida gota a gota, a fim de que os seres sejam dela melhor impregnados e se submetam à regra soberana e universal do bem e do belo. Pois é nesse esforço, que faz cada um deles para se elevar à alta concepção da beleza física e moral do mundo, que se encontra a fonte de todos os prazeres intelectuais e o móvel de todo o progresso.

Do ponto de vista social, como do ponto de vista individual, na realização da lei do bem e do belo permanece a finalidade essencial, a regra e a recompensa dos esforços comuns. Cada um deve concorrer ao seu alcance para a ordem e harmonia do conjunto. As almas superiores, os gênios, os artistas, os poetas, trabalhando na obra da beleza, contribuem para elevar as inteligências e tocar os corações; outros realizam tarefas mais humildes que se lhes incumbem, tarefas não menos necessárias à vida de todos, procurando elevar-se a si mesmos a um papel mais importante e mais estético no Universo.

É esta lei sublime que estabelece conexão com a noção do direito e do dever, a de todo indivíduo participar na ordem social na razão do seu grau de evolução. Uns trabalham na ordem imediata para assegurar os direitos de uma vida transitória, outros para uma finalidade mais vasta na ordem futura, para preparar a evolução coletiva.

Se todos os homens estivessem penetrados do esplendor destas leis compreenderiam a finalidade que perseguem através dos tempos, associar-se-iam de todo o seu coração, de toda a sua alma à obra universal da beleza e da harmonia, pois saberiam que trabalhando para o todo trabalhariam para eles mesmos. Não se veriam tantos ódios, resistências, revoltas e outros males. O sofrimento seria banido da Humanidade, pois tudo está na compreensão do fim a ser atendido e de se colocar em ação os meios próprios desta realização.

É o que nos ensina a doutrina dos Espíritos e é nisso que ela é superior às revelações precedentes e incompletas, que nos dão, sobre o futuro da alma, apenas vagas indicações e pálidas descrições de paraísos adequados aos estágios pouco evoluídos do pensamento humano.

– 0 –

Muitos leitores perguntam-me o que penso da crise atual<sup>11</sup>. Minha opinião pessoal importa pouco e prefiro resumir aqui, à guisa de resposta, as instruções dadas por nossos guias espirituais sobre esse assunto complexo e delicado:

“As lições da guerra – dizem eles em substância –, não trouxeram os frutos que se poderiam esperar. O perigo passado, a matéria caiu mais pesadamente sobre o Espírito; ela superexcitou os apetites, a avidez. Como deter esse transbordamento de paixões que nos arrasta para o abismo? Suprimindo o meio que as desencadeia: o dinheiro! Daí a crise financeira que sevicia a hora presente.

Deveis sentir-vos todos atingidos do ponto de vista social ou financeiro. Cada um deve fazer um retorno para trás, interrogar o passado e medir suas próprias responsabilidades. Apenas então uma reviravolta poderá se produzir. De acordo com uma lei imanente e superior, todo capital adquirido sem escrúpulo, sem trabalho, será volatilizado; pode-se prever ruínas sem número e a queda de muitos e grandes estabelecimentos.

Do ponto de vista espiritual, é preciso regenerar a massa através do trabalho e de uma orientação nova, pois é pelo trabalho que se podem criar os objetos necessários às mudanças que são as fontes vitais da existência. Como deter esse desbordamento de paixões que arrastam para o abismo? De que serve a troca? É o dinheiro! Pois o dinheiro, que depois da guerra havia perdido o seu valor, em seguida à sua grande defasagem, deverá restabelecer-se gradualmente, em razão do esforço e do trabalho nacional. Vossos vizinhos intrigam contra vós, porém suas intrigas se voltam contra eles mesmos.

É, em seguida, não de perda de vidas humanas, mas de perdas de fortunas, que vossa população compreenderá melhor a lei do trabalho e a ela se submeterá de bom grado. Há ainda o medo que é o início da sabedoria. A crise se encontrará resolvida pelo próprio jogo dos acontecimentos que o Alto julgou útil deixar amadurecer. É preciso ainda esperar pela solução desta crise e a de lutas econômicas e políticas.

Para o momento, importa que cada um se volte para si mesmo; para isto a Espiritualidade ajudará. Uma nação sem ideal, sem um fim elevado, é logo reduzida a pó. Além disto os círculos políticos, mais opostos, devem se inspirar em um ideal superior, um ideal que se alie ao racionalismo o mais extenso.”

– 0 –

Da mesma forma que, para contemplar um afresco, um quadro, é preciso um certo recuo da parte do observador, para julgar nossa civilização ocidental é preciso considerá-la do alto. Assim, sob suas faces brilhantes vê-se aparecer o longo cortejo de seus erros, de seus defeitos, de suas misérias morais. Sua maior falta é a de ter dado um espaço muito grande às coisas da matéria, passageira e perecível, em detrimento do espírito, cuja vida é imortal e infinita. Daí uma contradição com a lei suprema da evolução e desta contradição decorre um estado social, uma situação perturbada, falseada, por vezes dolorosa.



Rendamos ao espírito sua supremacia e vejamos na matéria o que ela é realmente: um meio de ascensão e não uma finalidade. Aprendamos a conhecer e a nos comunicar com este universo invisível no qual se desenrolam nossos destinos sem limites. Aprendamos a pôr nossas vibrações e nossos pensamentos em harmonia com o mundo dos Espíritos, no qual seremos chamados a viver nossa verdadeira vida.

Cada ser humano é um pequeno pólo vibratório; entre todos os homens existem transmissões fluídicas, entre os mundos existem poderosas correntes da mesma natureza. De uma maneira geral, há a relação magnética entre todos os seres vivos e tudo se religa a uma causa única e superior, a um centro de forças que anima o Universo inteiro.

Pelo estudo do invisível chegamos a melhor compreender esta comunhão de seres e de mundos de que participamos, mesmo independentemente de nós. Com efeito, o que é a intuição, o gênio, a inspiração, senão mensagens impressionantes de cérebros postos em vibração; pois não estamos mais no tempo das mesas girantes!

As relações se dilataram entre os diferentes planos da vida espiritual e de mais alto um ensinamento se desprende, uma revelação nos chega que dissipa os enigmas sombrios da vida e do destino. Sentimo-nos mergulhados em um oceano de força e de vida cujos recursos não conhecem limites.

Para que a sociedade terrestre prossiga nessa evolução, deve renunciar ao materialismo, que é insuficiente, e se apoiar, doravante, nesta noção mais alta das existências sucessivas do ser e de uma vida universal regida por leis de eqüidade e de harmonia.

Façamos desta lei um princípio de educação moral e de justiça social, pois através dela tudo se explica e se esclarece. Com efeito, é pela compreensão desta regra social junto à noção de deveres e de responsabilidades que ela comporta, de sanções que lhe são afetas, que se revelará aos nossos olhos a grandeza e a beleza da vida. Aí se encontrará o remédio que supre os nossos males e a solução dos graves problemas da hora presente e do futuro.

## Capítulo III

“Conhece-te a ti mesmo!”, dizia a sabedoria antiga; o que o homem conhece de menos é ele mesmo, e dessa ignorância decorre a maior parte de seus erros, de suas faltas, de seus males. O homem moderno não se interessa senão por seu envoltório material, isto é, o que há de menos essencial em nós. É pela parte sutil, imponderável de nosso ser, aquela que escapa aos nossos sentidos, que pertencendo a este mundo invisível de onde saímos por ocasião de nosso nascimento ou aonde retornamos quando de nossa morte, e que é o mundo das causas, das sanções, o único permanente e durável.

Essa forma invisível, impalpável, que sustém ainda nosso corpo durante a vigília, que dele se destaca durante o sono e depois da morte, é, em todos os tempos, a sede de nossa alma e de suas faculdades: consciência, razão, julgamento. Por ela somos ligados à ordem superior e divina e como ela somos imperecíveis.

Ali está também a força das intuições profundas, das inspirações que iluminam todo o nosso ser, quando sabemos nos abstrair das influências materiais e dar livre curso às forças ocultas em nós. Mas o homem ouve raramente as vozes que falam nele, distraído que está, na maioria das vezes, pelas preocupações exteriores.

Se soubéssemos ler o belo livro da consciência, aí encontraríamos o reflexo de todas as leis superiores. Mas as vozes da consciência, as fontes da inspiração sendo abafadas, afogadas sob a onda montante dos interesses e das paixões materiais, o ensinamento dos Espíritos vem restabelecer a lei moral, chamar a todos às regras da vida aqui em baixo e no Além. E, por esse ensinamento, a justiça surge-nos como uma norma do Universo, não mais a justiça humana, sempre defeituosa, mas a justiça divina, infalível, temperada pela misericórdia.

Nada de penas eternas, mas a possibilidade, para todos os culpados, da reparação, da reabilitação pela expiação, pela dor;

nada de paraísos, de infernos, de purgatórios que se abrem ou se fecham por meio de preces pagas; tampouco o nada, onde se confundem em desordem, sem distinção e sem amanhã, o bem e o mal, o justo e o injusto, o assassino e a vítima! E a certeza de que não há separação definitiva para aqueles que se amaram; a perspectiva de tornar a ver, da sanção comum para os destinos, para mundos mais felizes. E, também, a prova de que os seres afetuosos, embora invisíveis, nos assistem, nos protegem, nos inspiram e guiam nossos passos nos sendeiros abruptos da vida, a prova de que nenhum de nós está sozinho, abandonado, mas que uma proteção tutelar se estende sobre todos e nos reúne a nossos amigos do espaço em um sentimento de confiança e de amor.

O Espiritismo bem compreendido, bem praticado, torna-se assim, para os corações sofredores, para as almas desoladas, uma fonte imensa de força moral e de consolações.

Aqui uma questão se coloca: que é a Moral? Em que consiste ela? É apenas uma concepção arbitrária do dever, um conjunto de preceitos estabelecidos pelos homens conforme os tempos e os meios? Não! A Moral é uma das expressões da lei eterna, divina, de evolução e do progresso, lei da qual ela é inseparável, visto que nela encontra seu apoio e sua sanção.

Eis porque a Moral dita positiva, separada da noção da imortalidade e da idéia de Deus, é sempre fria. Ela não impressiona nenhum coração, nenhum espírito e permanece estéril. É a semente atirada sobre a rocha; foi a moral da escola laica durante uma trintena de anos e dela podemos constatar os frutos ásperos na mentalidade das gerações que dela saíram. Para reagir contra esse estado de espírito, sonha-se em certos meios, em dar-se de novo lugar à escola congregacionista, mas isto seria cair de *Carybde en Scylla*<sup>12</sup>.

O ensino moral deve mostrar a todos a finalidade da vida, que não é a procura da felicidade, como muitos supõem, mas o aperfeiçoamento e a depuração do ser que deve sair da existência

melhor do que nela entrou. Os meios de realização são o trabalho, o estudo, o esforço constante para o bem.

Pela observação da lei moral o homem se eleva; violando-a ele se rebaixa e se torna menor; ele condena a si mesmo a subir mais penosamente a crista sobre a qual escorregou.

Não temos que atirar senão um olhar em torno de nós para ver os males, as enfermidades, os revezes, a conseqüência de existências anteriores malbaratadas e perdidas. Mas como as verdades mais evidentes e mais rudes, as lições da adversidade são difíceis de fazer o homem moderno compreender, já que seu espírito foi falseado por tantos séculos de erros dogmáticos!

Destas considerações resulta que a reforma social, para ser mais segura e mais prática, deveria começar pela reforma do homem em si mesmo. Se cada um se impusesse uma disciplina intelectual, uma regra capaz de asfixiar, de destruir um fundo de egoísmo e brutalidade que nos foram legados pelas idades, toda a bagagem mórbida que trazemos ao nascer e que é a herança de nossas vidas passadas, e isso de modo a fazer renascer em nós um homem novo, a evolução do meio social seria rápida. Poderíamos aí instaurar o regime que, com a ordem e a liberdade, trouxesse aos homens mais felicidade, pois acabamos de ver a causa de todos os males em nós mesmos e seria suficiente vencer o que existe de inferior e de mau em nosso ser para tornarmo-nos mais felizes. A felicidade não está fora de nós, mas, antes, em nossa maneira de julgar as coisas, em nossa mente.

A tarefa mais urgente, mais necessária para cada um de nós, seria a de trabalhar na cultura do *Eu*, na reforma do caráter, de maneira a servir de exemplo àqueles que nos cercam e, de mais a mais, à sociedade inteira. Agindo nesse sentido, entraremos plenamente nos caminhos de nossa destinação, já que a educação da alma é a finalidade última, o fim supremo de nossa imensa evolução. Recolheremos os frutos imediatos resultantes de nossos esforços, enquanto que disso negligenciando nos privamos das

vantagens que dela decorre e das alegrias que a lei reserva a todos aqueles que muito trabalharam, muito amaram, muito sofreram.

O estado social não sendo, em seu conjunto, senão o resultado dos valores individuais, importa antes de tudo obstinar-nos nessa luta contra nossos defeitos, nossas paixões, nossos interesses egoístas. Enquanto não tivermos vencido o ódio, a inveja, a ignorância, não se poderá estabelecer a paz, a fraternidade, a justiça entre os homens; e a solução dos problemas sociais permanecerá incerta e precária.

– 0 –

O estudo do ser humano nos leva, pois, a reconhecer que as instituições, as leis de um povo são a reprodução, a imagem fiel de seu estado de espírito e de consciência, e demonstram o grau de civilização ao qual ele chegou. Em todas as tentativas de reformas sociais é preciso falar ao coração do povo ao mesmo tempo em que à sua inteligência e à sua razão.

A sociedade não é senão um agrupamento de almas. Para melhorar o todo é preciso melhorar cada célula social, isto é, cada indivíduo. Expusemos alhures as desordens de nossa época, as misérias de nosso século atormentado, e demonstramos as suas principais causas. Falamos do egoísmo de uns, da rapacidade de outros; vimos o ceticismo fluir e reinar mais alto; o alcoolismo e o deboche desenvolverem-se debaixo e por cima de tudo; a ignorância da finalidade da vida, a incerteza do amanhã, o desconhecimento dos deveres mais imperiosos, em uma palavra, o enfraquecimento do caráter e a corrupção dos costumes. Se as mentalidades se encontram falseadas, se o livre arbítrio foi diminuído, se a força radiante do homem diminuiu, é que a fé em um ideal superior, a causa suprema, adormeceu. As belas paixões se extinguíram, os atos generosos que alimentavam a chama vivificante se tornaram raros.

Mas, de que serviriam as recriminações, as críticas vãs? Vale melhor procurar remédio, isto é, os meios de criar uma sociedade

mais feliz e melhor, uma sociedade onde a Justiça, o Direito e a Moral não seriam mais vãs aparências, porém realidades vividas. Onde encontrar o raio consolador que esclarece e aquece as almas em penúria, detendo os desesperados sobre a crista do suicídio, opondo um freio às paixões desordenadas que invadem o mundo?

Para isso, o mais essencial seria dar ao povo uma nova educação, baseada sobre uma doutrina espiritualista vasta e racional. É preciso, antes de tudo, que os pensadores que guardaram a luz projetem suas radiações sobre seus irmãos mais ensombrecidos, a fim de dissipar os maus fluidos que os envolvem; cabe, sobretudo, à escola inculcar na juventude os princípios regeneradores, pois não se forma uma sociedade sem todas as suas peças e é preciso começar na infância a preparar a obra do século.

É preciso uma concepção simples, nítida e clara da vida e do destino. Para coroar a educação popular é preciso uma alta moral despreendida de preconceitos, de seitas e de castas, impregnada de piedade humana, de piedade para com tudo e com todos, os que sofrem aqui embaixo, homens e animais; estes últimos são muitas vezes vítimas inocentes da brutalidade humana.

A inveja e o ciúme engendraram o ódio entre as classes pobres. É preciso anular o ódio do coração humano, pois com ele não há paz, harmonia e felicidade possíveis. O ódio não pode ser vencido pelo ódio, diz a sabedoria antiga; ele não pode ser vencido senão pela bondade, a benevolência, a tolerância. É preciso que não se deixe de lembrar aos escritores, aos renovadores, seus deveres e suas responsabilidades, pois pela pena e pela palavra eles detêm grande poder, tanto a serviço do bem como a serviço do mal. Que eles se lembrem em seus artigos e seus discursos que podem ser para cada auditor uma causa de elevação ou de regressão. O pior dos papéis deste mundo consiste em trabalhar conscientemente para envenenar as almas.

Tornam-se necessárias a tolerância em nossos costumes e a precaução em lançar anátema àqueles que pensam de modo diferente do nosso. Faz-nos bem reconhecer, por nossa parte, que

entre os contraditores há pessoas de mérito, dignas de consideração e de estima. A nova educação deverá insistir sobre a noção das vidas sucessivas, pois enquanto essa grande doutrina não vier esclarecer o caminho do homem na Terra a incerteza persistirá para ele com os tateamentos, os erros e todos os males que decorrem da ignorância e da finalidade última.

Do mesmo modo que devemos nos destacar, pelo pensamento, de nosso minúsculo planeta e considerar o conjunto dos mundos para entrever a unidade do Universo e a majestade de suas leis, é apenas abraçando com o olhar o panorama de nossas existências que poderemos conhecer o laço que as religa entre si e as prende ao princípio de justiça que rege todas as coisas. Então compreenderemos que construímos, nós mesmos, nossos destinos e que nossos atos, bons ou maus, recaem sobre nós através dos tempos com suas conseqüências. Nossa maneira de viver e de agir, desta forma, sem dúvida, seria profundamente modificada.

Mas isto é impossível por duas razões: uma moral e outra fisiológica. De acordo com a situação da maioria de nós, sobre os degraus inferiores da escala da evolução, nossas vidas passadas não são, em geral, senão um tecido de erros, de fraquezas, cujo conhecimento, em nos hipnotizando, paralisam nossa iniciativa, enfraquecendo nossos esforços.

Do ponto de vista fisiológico, nosso cérebro material é incapaz de reproduzir a lembrança de acontecimentos dos quais ele não participou. Mas nas profundezas de nossa memória, no que está em moda chamar *o subconsciente*, todas as aquisições anteriores subsistem e daí provêm nossas atitudes, nossas faculdades, os traços de nosso caráter, todos os elementos de nossa personalidade, isto é, o que há de mais essencial para o cumprimento da tarefa de cada nova vida.

– 0 –

Possuímos agora, nas manifestações dos Espíritos, provas inumeráveis da sobrevivência, mas, a despeito destas provas é

preciso que permaneçamos sempre atentos, sem idéia preconcebida, para constatar que nossas necessidades intelectuais desbordam os limites de nossa vida, que nossas aspirações, nossas tendências, ultrapassam o quadro estreito da existência atual.

Em todo o ser pouco evoluído observa-se como um reflexo, um resumo, uma síntese das forças universais: matéria, força e espírito; e por esses três aspectos nós nos sentimos arrebatados a esse Universo imenso e à sua finalidade. As formas apenas passam e se esvaem, as forças se afinam, a alma permanece indestrutível.

É preciso compreender que tudo no Universo – justiça, verdade, moral – se combina e se funde em um princípio único que é a lei viva do Universo e se identifica em Deus. Apenas quando o homem gravou essa lei em sua consciência e dela fez o móvel de suas ações é que ele entra em comunhão divina e goza as alegrias espirituais que dela decorrem.

Certamente, este fim, este resultado é longínquo; ele é difícil de ser realizado plenamente na Terra. Entretanto, todas as grandes obras nele se inspiram, sem que sejam destinadas a perecer. Os socialistas devem pois adotar essa lei natural acima de tudo e dela fazer a regra de seu trabalho, a base de suas organizações.

Com efeito, como poder-se-ia vencer o mal, o erro e a injustiça no mundo se não se começar a vencê-la em cada ser em particular?

Esta luta, entre todas, é meritória e fecunda. A cada passo à frente, isto é, a cada conquista sobre suas paixões, o homem sente se acrescerem suas forças radiantes e a influência benévola que ela exerce em seus semelhantes.

Ele aprende pouco a pouco a unir seus esforços àqueles do mundo invisível para a realização da obra comum: o aperfeiçoamento social.

Deste ponto de vista repetimos que o Socialismo teria um grande papel a desempenhar. Este seria o de fazer penetrar na alma do povo o culto da beleza intelectual e moral, sob formas simples, porém capazes de reagir contra esses prazeres malsãos em que o



espírito se corrompe, em que o gosto se perverte. Seria o de elevar o pensamento para o ideal onde converge toda a evolução universal, para as alturas onde irradiam a luz, a verdade e a bondade. Pois não basta assegurar o bem-estar material, é preciso também dar ao homem a força moral que o sustentará nas provas, nos revezes, nas moléstias, como diante da morte daquele que ele amou.

Todas as vantagens materiais, os maiores salários, não são suficientes para preservar o homem do desencorajamento, do desespero nas horas dolorosas, por exemplo, quando ele descer à tumba o caixão mortuário daqueles que lhe foram queridos; quando ele se sente atingido em seus sentimentos íntimos, em seus afetos mais profundos.

Não há doutrina que possa nos trazer tanta consolação e reconforto quanto o novo espiritualismo, pois ele nos demonstra que tudo sobrevive para evoluir. As almas que nos antecederam no Além guardam-nos os tesouros de sua ternura, nos protegem, nos assistem em circunstâncias difíceis e nós as encontraremos um dia para percorrermos juntos novas etapas ascensionais. Podemos mesmo obter provas de sua sobrevivência e do interesse que continuam a ter para conosco.

Muitas vezes notei que para a maioria dos operários o trabalho manual é puramente maquinal e deixa toda liberdade ao pensamento. Se este fosse regularizado, disciplinado, orientado para um fim elevado, ele poderia tornar-se um meio poderoso de aperfeiçoamento para o indivíduo e, por reflexo, sobre todo o meio ambiente, enquanto que o pensamento flutua quase sempre sobre assuntos pueris e vãos, perdendo assim todo seu poder educativo e social.

Assim como o adágio da sabedoria oriental, “Somos o que pensamos”, aquele que fala e age segundo um pensamento puro, a felicidade segue-o como sua sombra. Mas os ocidentais não sabem administrar o jogo de suas faculdades e esta é a razão porque a existência é muitas vezes tão estéril para o seu avanço. Eles vieram

à Terra para aqui se engrandecer intelectual e moralmente, e daqui saem como chegaram sem cuidar de suas recaídas possíveis, renascimentos em meios grosseiros e inferiores, onde as tarefas serão mais penosas e mais rigorosas.

A lei sobre a jornada de oito horas oferece ao operário mais lazeres para o trabalho intelectual e a cultura do *Eu*. Que ele saiba disso tirar partido; é preciso não perder de vista que nossas responsabilidades se medem pela extensão de nossa liberdade e de nossos meios de ação. E isto se aplica aos homens de todas as classes e de todas as condições.

É preciso que todos aprendam a desprender, por vezes, seus espíritos dos burburinhos terrestres, a lançar seus olhares para os vastos horizontes onde o destino chama, sem o que arriscariam a se reencontrar, para além da tumba, no estado de tantos humanos descuidados da lei moral, isto é, em um estado prolongado de perturbação, de inquietude e de obscuridade.

Desnecessário é dizer que toda a destinação do ser, as condições de sua vida futura, sua situação no Além, tudo é regido por uma lei imanente que traz em si mesma sua sanção. O homem, por seus atos, faz nele próprio, em sua alma, a luz ou a treva.

Esta lei imanente, que não é senão a lei moral, não é, pois, o resultado de uma convenção terrestre, porém qualquer coisa de mais alto e maior, o reflexo do pensamento divino, a forma suprema da beleza eterna. Apenas através dela chegaremos a triunfar sobre os baixos instintos e forças inferiores, a orientar nossas forças a uma finalidade sempre mais elevada. Através dela nos sentimos livres e responsáveis, verdadeiramente filhos de Deus, Dele emanados e destinados a Ele retornar.

## Capítulo IV

A rivalidade entre os partidos desperta, por vezes, paixões bastante violentas para obscurecer as mais altas inteligências e falsear os melhores julgamentos. Assim, convém não tocar as questões sociais senão com grande seriedade. É preciso aproximar-se do término de uma longa carreira, ter adquirido uma madura experiência dos homens e das coisas, ter se afastado por antecipação das contingências terrestres, para disso falar com uma serena imparcialidade.

Este é um pouco o meu caso e por isso me propus a abordar essas questões com inteira franqueza. Recebi sobre este assunto um certo número de cartas que apresentam as nuances mais variadas de opinião, desde as aprovações mais calorosas até as críticas mais amargas. Não podendo responder a todas, envio aos seus autores, indistintamente amigos e adversários, aprovadores ou críticos, uma radiação do coração, um pensamento igualmente simpático. Eu pediria, apenas, a meus contraditores que prestassem muita atenção na finalidade dos artigos que escrevo antes de julgar-me e de condenar-me.

Em todos os tempos, em todos os meios, a questão social foi objeto de preocupações de pensadores, filósofos e de homens políticos; deu nascimento a uma multidão de teorias e sistemas; caos confuso onde o pesquisador encontra dificilmente o fio de Ariadne que os impedirá de se desgarrarem.

Ainda hoje os socialistas dividem-se em escolas diversas. Os alemães, em número importante, prendem-se às teorias de Karl Marx, que se inspiram no materialismo brutal, preconizam as lutas de classes e sua conclusão, logicamente, desemboca em uma ditadura do proletariado, isto é, no bolchevismo. Ora, sabe-se o que este regime proporcionou à Rússia. Voltaremos mais tarde a tratar deste assunto.

Depois do sucesso das forças armadas alemãs em Sadova e logo após em Sedan, as teorias marxistas ganharam uma grande extensão. A *Sozial Demokratie* tinha se tornado bastante poderosa para impedir a grande guerra, mas, apesar da promessa feita a Jaurès, ela não apenas voltou os créditos militares, pedidos pelo Imperador em vista dessa guerra, como tomou nela uma parte perversa e cruel. Por este fato ela assumiu, diante da história, uma pesada e terrível responsabilidade.

Os socialistas franceses adotaram, de preferência, as doutrinas de Fourier<sup>13</sup> e de Proudhon<sup>14</sup>. Seu fim comum é a supressão do salariado em proveito de um novo regime de propriedade em sentido coletivo com a socialização dos meios de produção e de troca. Mas, desde o começo, vê-se passar nos modos de aplicação, tanto entre os unificados como em outros agrupamentos, divergências de opinião que se revelam e contradições que aparecem.

É aí, sobretudo, que lhe falta um ideal superior que religasse todos os esforços e vantagens e se fizessem sentir; pois não é o materialismo em voga nestes meios que é susceptível de inspirá-lo. Pelo contrário, os apetites se fazem à luz e o Socialismo muitas vezes serve de trampolim a ambiciosos destituídos de brio que o utilizam para chegar a seus fins políticos, sem cuidar dos engajamentos tomados, o que muitas vezes contribui para o desacreditar na opinião geral.

Estamos, pois, em presença de duas grandes correntes opostas, uma germânica e russa, outra ocidental. A primeira, vimos, inspira-se num dogmatismo estreito e brutal, formado de teorias preconcebidas, sem relação com as necessidades sociais. Ele conduz retamente à dominação exclusiva de uma classe, aos terrorismos e ao nivelamento.

O Sr. Hesnard, em seu estudo muito documentado sobre *Les partis politiques allemands*, faz notar que no Reichstag os socialistas, pouco inclinados a reconhecer o Tratado de Versailles e o direito da França às reparações de guerra, sustentaram todos os

governos “que aludiram às obrigações, e não é exagerado pretender que todos os partidos políticos (alemães) tinham apenas um desejo: o de fazer fracassar a paz”.

A corrente ocidental, francesa e inglesa, é, todavia, organizadora, construtora. Ela se estende por todos os seus meios, sindicalismo, cooperativismo, participação, mutualidade, seguros sociais, proporcionando aos operários de toda a ordem uma parte crescente dos benefícios da produção e no regime da propriedade. Pretende essa organização de próximo em próximo criar uma vasta organização internacional que seria a sociedade das nações vivendo e agindo pacífica e mediadora.

Seu erro é acreditar que se pode atingir o resultado somente através de medidas políticas e econômicas. Esquece-se de que é preciso, acima de tudo, uma fé ardente, um ideal elevado capaz de fecundar todos os esforços; esquece-se de que é preciso o espírito de devotamento e sacrifício para fazer nascer o sentimento de altruísmo que é o cimento necessário a toda edificação social.

Qualquer que seja o ponto de vista em que nos colocarmos, pode se organizar a vida aqui em baixo sem saber qual é sua finalidade e suas leis, para quais horizontes ela nos conduz. Um conhecimento mais extenso da vida universal e da solidariedade que nos religa todos os seres mostrará aos socialistas que é preciso elevar-se acima dos interesses de casta e de classe para realizar qualquer obra de maior vulto e mais durável.

– 0 –

Todos os partidos socialistas têm a ambição legítima de conquistar o poder e substituir-se aos governos “burgueses”. Pelos cartazes verborrágicos, prometem aos eleitores gerar empregos públicos com um espírito de ordem, economia e progresso. Mas, em quase toda parte onde os administradores socialistas se instalaram pôde-se constatar uma recrudescência de processos arbitrários e de desordens nas finanças.

Neste mesmo momento, queixas se levantam em toda a Alemanha, queixas que um jornal popular, liberal, resume nestes termos: “A experiência socialista deu resultados lastimáveis. A política de Partido agita as paixões e provoca recriminações generalizadas. Os grupos do meio reprovam o direito dos dirigentes de exercer uma autoridade interclasses e colocam os interesses de seu partido acima dos interesses do Estado; por exemplo, as nomeações efetuadas, que testemunham um verdadeiro nepotismo de favoritismo. O Ministro da Instrução Pública outorga até mesmo diplomas de doutor e usurpa, assim, um direito que não pertence senão às faculdades. Os protestos e os pedidos de controle, visando os atos dos socialistas, dirigidos em Berlim, são sofismados pelo chanceler”.

Poder-se-ia lembrar, na França, o fato das municipalidades terem se tornado socialistas em muitas de nossas grandes cidades, onde as finanças decaíram, e mesmo em certos departamentos pela gestão do Conselho Geral.

Na Inglaterra, o caso Poplard está em todas as memórias. A administração da Câmara Municipal de Leicester não foi muito edificante. É verdade que o Ministério Trabalhista manifesta intenções muito louváveis e um ardente desejo de solucionar problemas difíceis que pesam sobre a situação da Europa.

É preciso também notar que a inexperiência dos socialistas, que não tiveram senão raramente a ocasião de adquirir o conhecimento dos processos e o manejo dos interesses, é a parte das velhas classes dirigentes.

Está na tradição da raça anglo-saxônica cultivar a livre iniciativa individual e desenvolver a força e a vontade de cada um. Quanto aos socialistas franceses, estes esperam quase tudo do Estado. Qual é a teoria que responde melhor à grande lei da Evolução? A primeira assegura não apenas a riqueza e prosperidade das nações, mas também a conformidade com o princípio universal que conclama todos os seres para o melhor, para o bem, fazendo crescer sem cessar o “haver” pessoal e coletivo.

O encampamento de todas as coisas pelo Estado paralisa os esforços laboriosos, extingue a livre concorrência e o espírito de emulação. A nacionalização das Minas e das Estradas de Ferro se traduz quase sempre por um déficit; ela resulta na elevação das tarifas e, por isso, acresce ainda mais as dificuldades da vida pública.

Na realidade, o Estatismo enfraquece o poder das Nações, sua livre expansão e sua afirmação diante do mundo. O Estado entre as mãos de um partido e de uma classe que se apóia sobre a força, sobre a violência, em proveito de uma única fração do país, como vimos acontecer na Rússia e na Hungria, leva aos piores excessos, destrói a obra dos séculos e conduz um país à ruína, à regressão, à barbárie.

Se há uma nação que tenha sofrido paixões políticas exageradas é bem a Rússia. As tempestades que ali ocorreram são incalculáveis. Podemos lembrar as convulsões que este país teve que sofrer e como as massas ali foram excitadas por ambiciosos cínicos que, no fundo, bem sabiam que suas teorias eram falsas, mas que delas se serviram como de uma escada para atingir o poder.

O governo dos soviéticos havia proclamado solenemente a supressão do capital, da propriedade individual, o nivelamento social, em uma palavra, o comunismo mais integral, mais rigoroso e eis que, cinco anos passados de miséria, de fome, de cruéis sofrimentos para o povo, foi constrangido a fazer apelo aos capitalistas estrangeiros, a recorrer aos técnicos de todos os países a fim de reconstruir penosamente o que havia destruído. Não se poderia sonhar uma falibilidade mais completa e há aí uma grande lição para as democracias ocidentais.

Longe de nós o pensamento de criticar os comunistas de convicção sincera que desejariam estabelecer na Terra o regime social que reina, provavelmente nos mundos superiores, lá, onde todos trabalham para cada um e cada um por todos, no espírito de devotamento absoluto a uma causa comum. Esse regime exige

qualidades morais e sentimento de altruísmo que não existe senão em condições excepcionais em nosso mundo egoísta e atrasado.

Poder-se-ia fazer das teorias comunistas, à parte, aspirações generosas, mas seria fácil demonstrar que elas são prematuras e inaplicáveis na sociedade atual. Fora preciso séculos de cultura moral e de educação popular para levar o espírito humano ao estado de perfeição necessária a uma tal ordem de coisas e, daí, a posse individual dos frutos do trabalho permanecerá como estimulante indispensável, o meio de emulação que assegura pôr em ação o equilíbrio das forças sociais.

Pelo momento, o comunismo, como dissemos precedentemente, não é realizável senão no seio de grupos restritos, cuidadosamente recrutados, nos quais todos os membros são animados por uma fé intensa e espírito de sacrifício.

Não se poderia sonhar com a possibilidade de estender a aplicação a nações inteiras, a milhões de homens nos quais as variedades de caracteres e de temperamentos fariam laboriosos e sábios os estúpidos, os preguiçosos, os imprevidentes e os debochados. Em todos os casos, não será através do crime e pelo sangue que se poderá fundar um regime de fraternidade, de solidariedade e de amor!

As instituições não são realmente vivas e fecundas senão quando os homens, por uma vida interior verdadeira, sabem animá-la. Um comunismo sem ideal elevado não poderia ser construído sobre uma areia perpetuamente movediça. As tendências soviéticas parecem ser inseparáveis da doutrina materialista, que só vê o horizonte limitado da vida presente, e ignoram toda perspectiva para o *lado de lá*, para a evolução superior. Disso resulta uma ausência de princípios morais, uma supressão de todo o freio contra o desregramento, que explicam as paixões furiosas e mesmo as atrocidades que são levadas à conta do bolchevismo<sup>15</sup>.



Em resumo, o que caracteriza o movimento socialista oriental é a absoluta ausência de toda filosofia verdadeiramente humanitária e conciliatória, e as conseqüências funestas desse despojamento surgem a todos os olhos não preconcebidos. Desse ponto de vista, a Rússia nos oferece uma lição dolorosa. Quanto à Alemanha, não temos elogios para as idéias que há mais de um século nos vêm deste lado. Seja seu militarismo brutal e devastador ou o materialismo grosseiro de Buchner e Moleschott, ou ainda aquelas mais refinadas, porém não menos egoístas, de Nietzsche e, sobretudo, o socialismo de Karl Marx, homem ácido e odioso, cujo objetivo principal é a guerra de classes, tudo isso desprovido de generosidade e de grandeza e não leva senão à investida, ao esmagamento de uns pelos outros.

Lucien Deslinières, conhecido pelos seus antecedentes socialistas, acaba de publicar um livro intitulado *Livrai-nos do Marxismo*, do qual ele dá um resumo “no repertório politécnico” do 1º trimestre de 1924.

“Ao curso de uma permanência de cerca de um ano (1920 - 1921) na Rússia Soviética, onde o marxismo é lei, constatei que ele tinha por efeito um desconhecimento absoluto pelos princípios fundamentais da economia socialista e, por conseguinte, uma inaptidão total quanto a todas as obras reconstrutivas.

Uma vez sedimentada essa convicção em meu espírito, não hesitei em romper com meu partido para proclamar a verdade; daí a publicação do meu livro. Seu interesse principal incide nos pontos seguintes:

O marxismo, pretendendo tudo inovar, permaneceu na orla das ciências econômicas e sociais, que nelas tem a observação dos fatos e se recusa à pesquisa de idéias e, por isso, é estéril.

Antes de Karl Marx o socialismo era profundamente simpático; graças a ele, é hoje execrado. A luta de classes é uma tática perniciosa que desviava do Socialismo aqueles que seriam seus melhores elementos, sem lhe conceder a mínima força. A

classe operária sozinha é incapaz de transformar a sociedade e dirigir o mundo novo.

É o marxismo o responsável pelo malogro econômico da Revolução Russa.

O socialismo deve rejeitar tudo quanto é demagogia e violência e se tornar um partido da justiça e da razão. Em criticando-se o regime atual, deve-se, antes de tudo, apresentar as bases positivas de um regime melhor”.

Felizmente, todos os socialistas não são marxistas; Ramsay MacDonald<sup>16</sup>, o chefe incontestado do Partido Trabalhista, Primeiro-Ministro da Grã-Bretanha, refere-se enfaticamente a este propósito em seu discurso de Brighton fazendo um relatório do processo do materialismo.

Um despacho de Londres, com data de 7 de março, anuncia-nos que ele falou nestes termos em uma reunião do Conselho nacional das Igrejas Livres: “Sou daqueles que tem fé no Estado Socialista; não me sinto envergonhado nem amedrontado por isso. Mas há dois Socialismos: um é uma filosofia e um sistema de vida; o outro um meio eleitoral. A idéia de classes é um tóxico para o espírito social”.

A respeito da atmosfera de recolhimento moral do domingo britânico ele acrescenta que “gostaria de ver um Estado de Sociedade mais conforme a esta atmosfera, melhor para a formação do caráter e da disciplina mútuos do que aquela do domingo francês característico da necessidade moderna de distrações”.

Compreende-se, sob sua forma cortês, o sentido crítico destas últimas palavras, visando o público francês; é que Ramsay MacDonald não ignora que nós socialistas perdemos de vista o ideal espiritualista dos homens de 89 e de 48. É preciso também confessar que muitos dentre eles, na hora atual, adotariam voluntariamente a senha: detestar e possuir. A massa cega procura acima de tudo o dinheiro e seus prazeres; ela não tem outro deus que não seja o lucro e outra regra que não seja o apetite. O belo entusiasmo que reinava entre nós durante a guerra, em todas as

classes, e produzia a admiração do mundo, essa união patriótica que salvou a França, foi afastada para dar lugar à debilidade, de uma parte, e o desencadeamento da cobiça, de outra. Nas horas de decadência do império romano, a multidão gritava: “Pão e circo!” Em suma, chegamos, em nosso país, a essa situação e o que se passa em torno de nós seria o índice de uma ruína próxima?

Depois do grande exemplo de heroísmo e de uma união sagrada, é triste oferecer ao mundo o espetáculo de nossas divisões. Ao invés de atizar as más paixões e impelir a luta de classes, aprendamos todos a grande lei que regula o destino dos indivíduos e dos povos e faz tombar sobre eles as conseqüências das ações cometidas.

Temos todos necessidade uns dos outros. Um mal-entendido profundo existe entre os diferentes meios sociais. Ora, toda demarcação entre eles é arbitrária. Entre os “burgueses”, muitos trabalham tanto quanto os operários. O homem que possui um capital e que o faz produzir, pode parecer desocupado, entretanto ele presta serviço ao seu país, pois que seu capital, frutificando, permite-lhe empreender obras novas. Se eles fracassam, a perda não atinge senão ele e não a coletividade. São as classes médias que têm mais a sofrer com a crise econômica, mais até mesmo que o trabalhador, cujo salário seguiu a mesma progressão do custo de vida. Certamente os pequenos negociantes se tornaram *novos ricos*, mas quantos antigos burgueses, pequenos rendeiros, não se tornaram de novo pobres?

O trabalho é um dever social para todos os seres em vista da evolução. Esta não se acomoda na beatitude ociosa nem na passividade; ao contrário, a atividade do ser se acresce na medida de sua elevação. Mas, a certa altura, o trabalho é puramente intelectual e sem fadiga. Sobre nosso planeta inferior, tudo necessita de esforço. Aqueles que vivem ociosos, aproveitando-se do trabalho dos outros, devem se lembrar que são levados a isso às custas do maior sacrifício de outros homens no domínio da produção. Todos devem participar da obra social, seja

intelectualmente, seja materialmente. A união da inteligência e do trabalho é necessária para assegurar a obra humana.

As pretensões recentes do Socialismo, em diversos meios, de dar a supremacia ao trabalho manual sobre a inteligência, leva fatalmente a um enfraquecimento desta. Disto resulta uma regressão geral, uma contradição das leis e das finalidades do Universo, leis estas que, pelo contrário, concedem ao espírito a supremacia sobre a matéria. Eis porque o verdadeiro ponto de partida dos socialistas deveria ser a educação, o ensino. Realizando-se, de início, o progresso intelectual e moral com o ensinamento, em razão disso o progresso material seria inelutável consequência.

Toda tarefa da inteligência compreendida e realizada enobrece aqueles que dela sentem a grandeza, e a causa socialista não poderia senão beneficiar-se, às suas reivindicações por vezes justificadas, se ela acrescentasse essa noção do ideal do espiritualismo que resume todas as aspirações generosas e as esperanças da Humanidade.

## Capítulo V

Para resolver o problema social, vimos que os teóricos nos propõem diversos sistemas: coletivismo, estatismo, comunismo, etc. Mas, acima de todos os sistemas, surge uma questão: para melhorar a sorte dos humanos, para uma repartição eqüitativa dos bens, para pôr um termo aos abusos e à especulação desenfreada, para apagar os traços do que foi, ontem ainda, a exploração do homem pelo homem, será preciso recorrer a instituições, a regulamentos, a leis?

Todas as obras humanas mudam e passam; todas as formas sociais, que acabamos de enumerar, foram aplicadas através das idades por civilizações diversas, porém nenhuma resistiu à ação do tempo e ao choque das paixões. A história registrou as tentativas sucessivas, os esforços dos renovadores para realizar seus sonhos sempre seguidos de fracassos clamorosos. E, de tantas vicissitudes, uma consideração se depreende: é que no Socialismo, como na política, os homens não têm jamais o que merecem; suas obras sociais estão sempre relacionadas com o estado de aperfeiçoamento que puderam atingir.

Se quisermos preparar um futuro melhor, comecemos, de início, por instruir o homem quanto às verdades necessárias, por torná-lo mais sábio, mais esclarecido, mais senhor de si mesmo e de suas paixões.

No domínio da economia social, o que reinou até aqui foi a livre concorrência, isto é, a luta dos interesses, a rivalidade, o antagonismo. Greves sucederam-se a greves, às coalizões, às sabotagens; os sindicatos operários arremeteram-se contra os sindicatos patronais e os trustes, isto é, a força contra a força, e o resultado inevitável: o ódio! Ora, o ódio não pode fundar nada de fecundo, de duradouro. É ao coração do homem que se deve dirigir.

O que todas as vantagens materiais, a mutualidade, a participação dos benefícios e os altos salários não puderam realizar,

uma grande doutrina, simples, consoladora e pacificadora poderá fazê-lo.

As reivindicações socialistas falaram abundantemente ao operário quanto aos seus direitos, porém nunca quanto aos seus deveres. Negligenciaram cultivar suas qualidades morais, desenvolver nele o espírito da ordem, da sabedoria, da previdência, e qual foi o resultado?

O povo viu aumentar seu bem-estar físico, porém não é mais feliz: tornou-se mais exigente, mais descontente, menos consciencioso. E, entretanto, para mudar tudo isto, bastaria inculcar em todos o amor pelo trabalho e a confiança na vida, que não são mais, em realidade, que a elevação lenta e gradual para a luz, a perfeição.

Para começar, não há outro direito senão aquele que resulta dos méritos adquiridos, dos serviços prestados, de uma participação eficaz na obra de civilização e de progresso. Todo o direito adquirido comporta uma série de deveres correspondentes e estes deveres são tanto mais numerosos quanto o direito é mais preciso, mais extenso: deveres para com a família, para com a Pátria, para com a Humanidade.

Pois é a liberdade, este princípio tão mal compreendido, que tem suscitado tantas discussões estéreis. Uns querem uma liberdade absoluta, a qual leva forçosamente à licenciosidade, isto é, à desordem e à anarquia. Outros se prendem a um determinismo vago que faria do homem uma espécie de marionete, cujos fios seriam manejados por um destino invisível. A verdade está entre esses dois extremos; está ao alcance de todos. A liberdade – ou antes, o livre arbítrio, – é proporcional ao grau de evolução do ser e aumenta na medida de sua ascensão na escala infinita das existências e dos mundos.

E isto é o que há de maior, de mais nobre na destinação humana: a conquista da liberdade por esforços constantes para o bem, o franqueamento gradual das baixas servidões, a educação, o aperfeiçoamento da alma que se busca de século em século, pelo

retorno à carne através das vidas sucessivas, vidas de trabalho, de atividade, de elevação, pelas quais o ser se desenvolve, tornando-se uma força maior, mais e mais evoluída e desempenha um papel sempre maior no Universo. O homem é livre na medida em que coloca seus atos em harmonia com as leis universais. Para reinar a ordem social, o Espiritismo, o Socialismo e o Cristianismo devem dar-se as mãos; do Espiritismo pode nascer o Socialismo idealista. Há um interesse capital em congregar essas três ordens de idéias. O ser deve se aperfeiçoar desenvolvendo suas qualidades inatas e apagando os estigmas de suas vidas anteriores.

O Socialismo não é, pois, em realidade, senão a aproximação dos fluidos de uma mesma natureza, sua fusão e sua harmonia na vida humana e segundo o grau atingido ao curso de existências percorridas. O conhecimento das leis espirituais é, pois, indispensável para estabelecer a verdadeira natureza do ser e sua possível adaptação aos diferentes meios sociais. É preciso que cada ser, possuindo uma força irradiante, um poder atrativo, o transfira, por via de vibrações, àqueles nos quais o mesmo fluido circula mais fracamente. Isto seria o verdadeiro comunismo. O objetivo essencial é obter uma correlação direta entre os pontos de vista moral, fluídico e material.

Os grandes missionários espirituais foram, a títulos diversos, grandes socialistas. O Socialismo é a elevação da coletividade na ordem física e moral, e essa melhoria deve ser regulamentada pela justiça e a razão. Eis porque se torna preciso chegar a uma fusão integral, por mudanças de força suscetíveis de paralisar as paixões e os caprichos que subsistem em nós. Não sendo a vida atual mais que um estado transitório, nenhum dos problemas que a ela se relacionam pode ser logicamente resolvido se se negligencia levar em conta tudo o que a condiciona ao passado e à finalidade que ela deve atingir no futuro.

Antes de tudo, convém desenvolver o sentido moral na criança e no adulto, isto é, o sentido elevado da vida, de seus deveres, suas responsabilidades; gravar profundamente no pensamento e no

coração do ser humano essa lei imprescindível das conseqüências dos atos que trazemos no curso de nosso destino, todos os elementos bons ou maus, que tivermos gerado.

Então, a dignidade humana se encontraria realçada, a existência revestir-se-ia de um caráter mais nobre, uma finalidade mais precisa; isto seria a construção, por nossos próprios cuidados, através dos séculos, de nossa personalidade, a edificação de nosso destino. Somos o que fizemos de nós; nossa sorte, feliz ou desgraçada, está em nossas mãos; assim, no encadeamento de nossas vidas, a ação da justiça se torna mais evidente. Tudo que fazemos recai sobre nós através do tempo, em alegrias ou em dores. E como o futuro poderia se tornar melhor que o passado se continuarmos a semear, no presente, o germen do ódio, as causas de discórdia e de desencontros, se o fraco continua a ser esmagado pelo forte, se tantos corações sensíveis são quebrados pelo egoísmo e pela brutalidade, em uma palavra, se o homem continuar cruel para com o homem?

Todos os fluidos impuros causados por nossas paixões, engendrados pelas obras do mal, pelas injustiças cometidas, se acumulam em silêncio sobre nós e, depois, um dia, quando a medida estiver cheia, a tempestade estoura sob a forma de flagelos, de calamidades, fontes de novos sofrimentos, pois os excessos do gozo levam, fatalmente, a um crescente de dor até que o equilíbrio seja restabelecido na ordem moral como o é na ordem física.

O abuso dos prazeres, o excesso do luxo, o alcoolismo e o deboche se resgatam pelo sofrimento, as privações, a miséria. Aprendamos a ser sóbrios e comedidos em todas as coisas. O operário freqüenta muito os bares, prefere os filmes realistas e os lugares malfazejos. Mas é preciso que as classes dirigentes dêem o exemplo para não fazê-lo converter o prazer em regra predominante de sua vida.

As catástrofes, o jogo do que denominamos as forças cegas, não nos surgem inexplicáveis senão porque desconhecemos as causas invisíveis que as produzem e que, as mais das vezes, emanam de



nós mesmos e se explicam por nossa inferioridade e violações da lei.

Mas, ao contrário, toda alma penetrada por essa lei, por essa necessidade de evoluir, sentirá a grandeza de seu papel. Em presença dessa ordem universal que sempre traz consigo os efeitos de suas causas, diante dessa perfeição de formas e de regras, ela compreenderá que essa perfeição é chamada a realizar nela e em torno dela, e que, por isso, o infinito do tempo e do espaço lhe estão franqueados.

Se consagrássemos à educação das massas e à vulgarização dos princípios soberanos apenas um quarto das somas que gastamos para as obras de destruição e de morte, a face do mundo seria logo modificada, o progresso seria mais rápido no funcionamento das obras sociais. Pelo desenvolvimento do senso moral e a evolução das inteligências muitas causas de sofrimentos desapareceriam e a Humanidade se encaminharia, em passos mais seguros, para tempos melhores.

A guerra, dissemos precedentemente, ao invés de servir de lição, foi seguida por um despertar de paixões violentas e de baixos apetites. O poder corruptor do dinheiro, a floração do vício e do crime não fizeram mais que se acrescer. Nem a religião, nem as ciências, nem as disciplinas sociais puderam deter, ou pelo menos abrandar, esse vagalhão impuro que arrebatava a Humanidade. Far-se-ia preciso uma outra coisa, agora que tantas instituições mostraram sua impotência.

A intervenção do mundo invisível torna-se necessária para despertar nos cérebros obnubilados a noção da imortalidade e as exigências que ela comporta. Isso deveria ser feito lenta e gradualmente, a fim de não perturbar os cérebros obscurecidos e mal equilibrados. Torna-se necessário um apoio sobre uma acumulação de provas irrefutáveis. E é o que se realiza, por uma ação providencial. Assim, a Humanidade desgarrada, desnorteada, recebe esse impulso do Alto que a conduz ao caminho seguro, a rota real da alma conforme a expressão de Platão.

Diante das vastas perspectivas que se abrem e com as quais o homem se familiarizaria de pouco em pouco, ele seria obrigado a elevar seu pensamento acima das baixas contingências terrestres e olhar face a face esse objetivo ainda distante, mas tão grandioso que lhe está indicado.

O nome de “invisível” se tornaria fonte imensa em que todos os pensadores, escritores, poetas e artistas virão se abeberar. Inconscientemente, a maior parte dos homens do passado colaboraram com o invisível, porém no futuro essa colaboração se tornará mais consciente, requerida, solicitada e a obra humana através dela será fecundada, centuplicada.

– 0 –

Em sua análise dos versos dourados dos pitagóricos<sup>17</sup>, o Dr. Carton se entregou a um estudo admirável, mas sobre o qual devo fazer algumas reservas quanto a um ponto. Ele julga que o conhecimento das vidas sucessivas da alma deve ser reservado apenas aos iniciados e ocultas do vulgo. Eu creio, ao contrário, que devemos oferecer ao povo toda a verdade, tanto mais que ela é indispensável à educação dos seres e à regeneração social.

Não há verdadeira moral sem uma crença elevada e sem sanção. A noção das vidas sucessivas, inseparável das conseqüências dos atos, mostra-nos a repercussão dos nossos méritos e deméritos sobre o destino humano e constitui a sanção necessária e conforme à justiça.

Na ordem social, é do interesse de todos que a lei moral seja observada, pois ela é a melhor garantia de nossa segurança; os atos culpáveis, os maus exemplos, os fermentos da maledicência e do ódio que atiramos à Humanidade, alteram o presente e comprometem o futuro, como o prova a lei dos renascimentos.

É em vão que se procura a felicidade na posse de bens materiais, dos gozos terrestres que o sopro da morte arrebatam. A felicidade está na aceitação feliz, alegre da lei do trabalho e do progresso, da realização leal da tarefa que a sorte nos impõe, de onde resulta a

satisfação da consciência, único bem que podemos encontrar no *lado-de-lá*.

Perguntam-me às vezes com certa acidez: Nós não queremos acreditar em vossas vidas sucessivas. Ao que eu replico: Se credes ou não, isto não impede em nada que estejais submetidos a ela de modo inexorável, pois a falta dessa lei de trabalho e de evolução leva a um sofrimento. Todos devem sofrê-la, mas aqueles que não a podem explicar nem compreendê-la recolhem menos proveito para sua depuração e seu avanço.

Uma crença elevada, dissemos, é necessária; não podeis encontrá-la no ensinamento atual das igrejas, que está enredado em muitos erros; vós não podeis encontrá-la no materialismo, nos dias atuais em que a sobrevivência nos é comprovada por tantos fatos.

Essa crença regeneradora o Espiritismo vos traz. Mas se não podeis vos elevar ainda até essa concepção grandiosa das coisas e das leis, crede pelo menos em vós mesmos, em vossa alma imortal, nessas forças ocultas que vosso dever e vosso papel é desenvolver, pôr em ação, a fim de subir mais alto para a luz, para a compreensão de tudo quanto é belo, grande e poderoso no Universo.

– 0 –

Os revolucionários violentos, que pretendem fundar a ordem social no sangue e sobre ruínas, não passam de cegos e desgarrados. A harmonia social não pode se estabelecer senão sobre a justiça, a bondade, a solidariedade.

O verdadeiro comunismo, por excelência, exige a doação de si mesmo, um sentimento de altruísmo que leve até ao sacrifício: também vimos que não foi praticada até aqui e de uma maneira durável senão em associações religiosas. Elas se inspiravam em um ideal superior. Em seus arrebatamentos de fé e de amor chegavam à renúncia pessoal, em proveito da coletividade.

Ainda é preciso notar que esta renúncia implicava o esquecimento da família. Ora, a família é a base essencial, o pivô

de toda sociedade humana; um tal sistema não poderia, pois, generalizar-se.

A solidariedade dos seres, na comunhão universal, é um princípio sagrado no qual deve se inspirar toda grande obra humanitária.

Com o materialismo, a solidariedade não passa de um bem passageiro, efêmero, que liga os homens entre dois nada. Mas os ensinamentos dos Espíritos, essa idéia de solidariedade cresce, reveste-se de uma amplidão, uma autoridade que se impõe. A ascensão coletiva, por meio de vidas incessantemente renascidas, nos une estreitamente aos nossos companheiros de viagem eterna. Somos, pois, interessados no aperfeiçoamento moral de um meio em que precisamos regressar e, por conseguinte, a dos seres que vivem conosco.

A educação das almas, segundo a grande lei da evolução, e as conseqüências do nosso passado, nos obriga a renascer em diferentes condições sociais, seja para aí reparar nossas faltas anteriores, seja para adquirir qualidades inerentes a estas condições. Importa, pois, a todos, trabalhar para poder reinar aqui embaixo em todos os meios, a ordem, a justiça e a harmonia. Ninguém eleva a si mesmo senão ajudando aos outros a avançar na escala imensa, fazendo penetrar neles os conhecimentos e as qualidades adquiridas.

Ligados através de nossas vidas, prosseguiremos todos para um fim comum; sentimo-nos unidos por laços poderosos e chegaremos, com o tempo, pelas perfeições realizadas, a constituir uma única e grande família, um grande ser coletivo do qual os membros vibram em uníssono sob as radiações do pensamento e do amor divino.

Na longa seqüência de existências percorridas, na lenta e rude escalada das almas para uma finalidade sublime, mil circunstâncias nos levam a entrar em contato com outros seres, a viver sua vida, a participar de seus esforços, seus trabalhos, seus prazeres e suas dores. É assim que, através dos séculos, se apertam os laços que

nos prendem à massa humana. Tudo que a atinge nos toca, tudo que a fere nos atinge.

Diante dessas perspectivas, a solidariedade nos aparece muito mais larga e poderosa do que com as pálidas teorias materialistas.

Unidos por sinais e fins comuns, somos acompanhados por um mesmo Pai e retornamos para Ele a fim de viver, um dia, pelos méritos adquiridos, na paz e na luz.

Em face de tais horizontes, em que se tornam as mesquinhas rivalidades, o ciúme, o ódio, todas as miseráveis competições da Terra? Elas se esvaem para dar lugar a uma irradiação do amor que aproxima todos os homens em uma fraternal harmonia.

Desde então, o dever se mostra mais preciso, o dever de auxiliar em sua evolução os fracos, os ignorantes, os atrasados, todos os que estão abaixo de nós, como fomos ajudados outrora pelos Espíritos generosos que atingiram os cumes da sabedoria e do conhecimento.

## Capítulo VI

Assim como demonstramos, o Espiritismo pode influenciar poderosamente a economia social e a vida pública, pois sua concepção da existência e do destino vem facilitar o desenvolvimento de todas as obras da coletividade e da solidariedade.

Através desse ensinamento, o homem se sente mais unido aos seus irmãos; ele sabe que não pode evoluir senão por eles e com eles, e daí a eclosão de idéias generosas, que foram consideradas, até aqui, como utopias e que poderão doravante, graças a essa noção da vida evolutiva, passar para o domínio dos fatos.

É assim que o novo espiritualismo concede a todas as coisas um elemento regenerador; o homem aprende a amar a família e a Pátria. Mas, acima de tudo, traz-nos essa noção sublime da grande família humana: a fraternidade das almas, a comunhão de todos na consecução de um mesmo fim, a ascensão lenta e gradual de todos para a luz.

Pobre Humanidade dolorosa, tu galgas penosamente o caminho da vida sob um céu sempre negro e refregas por vezes incendiadas, por vezes enregeladas! Quando imagino esse longo desfile que se estende sobre as encostas árduas com seu pesado cortejo de sofrimento e miséria, sinto-me presa de uma imensa simpatia para com todos os companheiros de viagem terrestre. Na hora presente não quero nada ver de tuas falhas – oh! Humanidade –, mas apenas os teus méritos e teus males. Há meio século trabalho sem cessar, com a pena e a palavra, para esclarecer e consolar as almas. Impotente para curá-las, desejo pelo menos enviar um pensamento fraternal a todos aqueles que se afogam sob uma rude tarefa, sob o fardo de suas provações, e para aqueles que, no espaço, se preparam para renascer nesse meio atormentado.

Esse pensamento eu dirijo ao minerador, mergulhado sob o solo, aos camponeses curvados sobre seus duros sulcos, ao marinheiro na

tempestade, ao metalúrgico, ao fundidor, ao vidreiro que, sob o ardente bafejo dos fornos, forja o ferro, verte a gusa e o vidro e cria mil objetos necessários à civilização. Não me esqueço da mulher, essa mãe da Humanidade; à mãe, companheira fiel de nossos trabalhos e de nossas dores, que nos deu à luz ao preço de seu sofrimento, que nos aquece, sustenta e nos consola nas horas difíceis.

A todos envio um fraternal pensamento, pois a fraternidade é a palavra mágica, o princípio soberano que resolverá todos os problemas sociais, dissipará as iras, os ciúmes, os rancores e que, do caos das paixões, fará surgir um mundo novo.

Não é um espetáculo impressionante o de ver, em todos os grandes centros industriais, nas primeiras horas do dia, se desenrolar ao ruído estridente das sirenes, a longa procissão de homens, de mulheres, de crianças, de rostos melancólicos e pálidos que se dirigem para as usinas, para aí retomar o labor que os retém a cada dia? Ou então ver surgir das entranhas do solo nas regiões do norte, esses mineiros escurecidos pela poeira do carvão a tal ponto que não se pode mais distinguir a cor de seu rosto, ou então sobre os grandes cais onde, sob o ardente sol, os homens das docas levantam seus fardos?

É preciso ter feito bem cedo a aprendizagem da miséria, ter conhecido a luta pelo pão de cada dia, para compreender o estado de espírito dessas multidões; para ter-se explicação da surda irritação incubada no fundo de tantas almas machucadas, feridas pelo pesado rolete da necessidade.

Talvez não haja, no vago instinto de utilidade da maioria desses seres senão a sombria herança dos séculos passados, dívidas de servidão, que nenhuma esperança oferece além daquela da morte.

Mas, hoje em dia, o operário conquistou sua liberdade e, mais ainda, sua dignidade de homem pelo seu trabalho. Eis porque a data de 1º de Maio, que foi até aqui uma espécie de apelo à revolta, se tornará, pouco a pouco, um símbolo de pacificação e de reconciliação para se transformar em uma festa de trabalho,

consagrando a nobreza do esforço realizado pela solidariedade de todos. Essa data será tanto mais oportuna e bem escolhida porque coincide com o despertar da natureza, com os sorrisos e as promessas da primavera.

Perguntam-me por vezes qual é o fim de tantas vidas obscuras, atormentadas, laboriosas. Se se procurasse arrolar todas aquelas que decorreram desde a origem do mundo, encontrar-se-ia em presença de cifras formidáveis. Por que todas essas existências, das quais o tempo dispersa a cinza a todos os ventos e das quais a memória humana não guarda nenhum traço? Por que tantas dores, dilaceramentos e lágrimas? É que a vida é um cadinho em que a substância da alma se afina, em que todas as suas partes, mesmo as mais duras, se fundem sob o fogo das provas e onde se realiza a divina alquimia.

É preciso essa lenta purificação dos séculos para fazer da alma primitiva, brutal e selvagem um ser policiado, transformar o egoísmo feroz em espírito de sacrifício e fazer surgir dos rebentos terrestres as flores delicadas da sensibilidade, da piedade e da bondade.

Pobre alma humana, que deves passar pelos alambiques terrestres para destilar teus sucos ocultos, para desgastar tuas asperezas. Alma humana, tu és o enigma vivo em que se agitam e se misturam confusamente tantas paixões, tantas aspirações vagas. Tu és capaz dos mais belos pensamentos e dos piores sentimentos: amor e ódio, grandeza e miséria, ingratidão e devotamento. Mas há em ti uma força divina que tua evolução, através dos tempos, tem precisamente por fim despertar, crescer, a fim de te preparar para tarefas mais altas, para uma participação mais ampla nas obras eternas. E nisso consiste a finalidade de tua vida, de todas as suas vidas, aí está assinalada à Terra o seu papel na cadeia dos mundos.

A vida não se cria, não se desenvolve senão através de sofrimento. É preciso sofrer para dar à luz, para subir, engrandecer, depurar; é preciso sofrer para abrir sua alma a todas as sensações delicadas e poderosas, para iniciar no conhecimento das grandes



harmonias, para prepará-la às alegrias, à felicidade da vida superior. O sofrimento é a lei dos mundos inferiores, lei grave e austera, porém profunda em suas finalidades. Sem ela, nenhum equilíbrio moral, nenhum estimulante para o melhor, nenhuma compreensão do bom e do belo.

Muitas vezes, nas horas de angústia, acusa-se Deus, a natureza, o mundo inteiro, sem cogitar que a fonte de nossos males reside em nós mesmos. É verdadeiro que no domínio moral das causas e dos efeitos o homem não vê senão as coisas imediatas. Seu olhar não pode abarcar os períodos durante os quais se desenvolve a lenta incubação de seus erros e suas faltas, sobretudo quando elas provêm de suas existências anteriores e constituem a trama de seu destino.

Dissemos que a maioria desses males resulta do estado mental de nossas gerações que, desde há muito tempo, se afasta da via estreita sem cuidar da lei do dever, das altas disciplinas, e se desgarrar nos sendeiros floridos da paixão, do egoísmo e da venalidade. Por que essa Humanidade cujos progressos são tão notáveis numa ordem intelectual e material permanece estacionária na ordem moral? Por que a barbárie, a crueldade, o egoísmo se manifestam em nossa época com tanto maior intensidade do que nos tempos longínquos? Só o Espiritismo pode explicar. As almas suficientemente evoluídas, quando deixam a Terra, vão quase todas viver em mundos melhores, enquanto que, incessantemente, chegam a nós dos planos inferiores, contingentes de almas ainda grosseiras que vêm procurar sua educação na esfera terrestre. Eis porque o nível moral muda tão lentamente. Herdam-se trabalhos de gerações passadas e não se herdam virtudes que permanecem individuais. Eis porque é preciso trabalhar acima de tudo na educação do povo se se quiser melhorar a sorte da Humanidade.

A reforma do indivíduo deve conduzir à reforma da coletividade de maneira a que tudo triunfe no homem e sobre si mesmo, sobre suas paixões, repercuta sobre aqueles que o cercam e que o progresso do conjunto reaja sobre cada indivíduo. É trabalhando

pela elevação dos outros que trabalhamos mais eficazmente para elevar a nós mesmos e, ao mesmo tempo, se desenvolve, se acresce e se afirma em nós e em torno de nós essa noção essencial de fraternidade que nos religa a todos uns aos outros.

Para bem compreender a realidade e a força dessa noção, é preciso considerá-la sob o aspecto que lhe dá o ensinamento dos Espíritos. Não se trata mais aqui da fraternidade dos corpos, mas a das almas, que se encontram ligadas a todos os graus de sua elevação grandiosa.

Somos não apenas irmãos por nossa origem comum e nossas finalidades, sendo todos filhos de Deus e destinados a junto a Ele nos reunirmos, mas ainda porque somos chamados em virtude da lei da necessidade a percorrer juntos a rota imensa que conduz a Ele, Nele nos reencontrar, nos reconhecer, para trabalhar e sofrer juntos a fim de que nosso caráter se corrija e nossas qualidades se desenvolvam ao sopro purificador e regenerador da adversidade.

Entretanto, notamos que a noção de fraternidade não implica a de igualdade. Entre as doutrinas sociais correntes, esta é uma das mais contestadas. Não há igualdade na natureza e, igualmente, não o há na Humanidade. No além, todos os seres são hierarquizados segundo seu grau de aperfeiçoamento, de acordo com a lei da evolução. As teorias revolucionárias, que pretendem tudo nivelar por baixo, cometem ao mesmo tempo um erro monstruoso e um crime, pois que são destrutivas da obra do passado, do esforço gigantesco dos séculos visando criar uma civilização. Seria mais conforme a lei Universal de progresso estabelecer instituições que contribuam para facilitar a ascensão do homem designando-lhe uma finalidade sempre mais elevada.

Sem dúvida, a obra do passado nos levou a muitos abusos e imperfeições que temos o dever de corrigir, mas ela introduziu também na existência humana facilidades que seria um absurdo suprimir.

É legítimo que todos os homens aspirem o bem estar material, assim como as alegrias do espírito e do coração, mas pensamos que

é sobretudo graças à ação moral que se chegará a melhorar nossas instituições, a aperfeiçoar a ordem social.

Para dissipar os mal-entendidos, que dividem nossas diferentes classes, fora preciso, de início, viver a vida do povo, tomar contato com ele, comunicar-lhe essa vibração do que existe de melhor em nós, em uma palavra, compartilhar mais estreitamente suas dores, suas misérias, esforçar-se por despertar nele gostos mais nobres, aspirações mais altas, uma necessidade mais intensa de cultura intelectual. Insiste-se muito sobre os defeitos do operário e muito pouco se menciona suas qualidades de coração que são tão grandes. Mesmo os mais hostis são acessíveis às boas intenções, aos raciocínios sadios.

Em minha juventude, fui muito interessado nas cooperativas operárias de produção e participei de seus trabalhos. Mais tarde, fui muito interessado nas cooperativas operárias de produção e participei de seus trabalhos. Posteriormente, quando me consagrei à propaganda do Espiritismo, dirigi-me de preferência às massas trabalhadoras e não posso dizer que nelas encontrei menos eco do que em outras mais.

Se se quiser saber o quanto pode o Espiritismo sobre o público de trabalhadores, pode-se medir sua vasta extensão entre os mineiros da bacia de Charleroi.

Ao invés da luta de classes, trabalhemos, pois, em sua fusão, preparando os materiais das cidades futuras feitas de justiça e de harmonia. Nisso o Espiritismo nos ajudará, ensinando-nos que a condição dos humildes pode se tornar a nossa um dia e que a alma deve renascer em meios diferentes para aí realizar sua educação.

Chegado ao entardecer da vida, o homem por vezes se interroga e lança um olhar para trás sobre o longo caminho percorrido. Ele evoca a sombra de todos aqueles que o encontraram e que o precederam no além, ao mesmo tempo as lembranças das relações boas ou más, das tarefas realizadas, de situações ocupadas, as decepções, as vicissitudes sofridas. Percebe ainda o elo enfraquecido das agitações do passado, do ruído das paixões, mas,

em razão do recuo do tempo, ele prefere mais o valor real dos seres e das coisas. Uma grande paz se faz nele e ele se sente mais induzido à indulgência, ao esquecimento das ofensas, ao perdão para com as injúrias. Compreende melhor o sentido profundo da vida e as vantagens e os inconvenientes que dele decorrem do ponto de vista essencial de sua evolução intelectual e moral. Pois nisso reside o fim supremo da existência.

Está ao mesmo tempo no espaço, porém aí vastas perspectivas se abem e o círculo das lembranças se alarga. O espírito evoluído vê se desenrolar o panorama de suas existências, qual alternativa de sombras e de luz. Nas quedas e reerguimentos ele sente mais estreitamente a solidariedade que o religa a todos esses seres que ele conheceu, viajantes como ele da longa peregrinação através dos séculos.

Sabe que ao curso de suas vidas foi, vez por vez, rico e pobre, patrão e operário, servidor e senhor; que suas existências humildes e obscuras foram mais numerosas que as existências brilhantes. É preciso, de início, aprender a obedecer para mais tarde aprender a mandar.

O espírito repassa muitas vezes em sua memória as cenas, os quadros, os espetáculos tristes e doces de suas existências terrestres, existências penosas, laboriosas, às quais ele deve seu estado de progresso, de avanço.

Oh! Terra, planeta sombrio e frio, mundo de deboche e de expiação, de iniciação e de resgate, tu ocupas os mais baixos degraus da escala de ascensão das almas. A matéria pesa penosamente em tua superfície, os cuidados aí são múltiplos e o trabalho opressivo. Tudo isso é necessário para comprimir o ímpeto dos espíritos jovens para os quais tu serás a escola e a morada, necessária para reprimir suas paixões, seus apetites desregrados e submetê-los à disciplina. À medida que o espírito se ergue na escala dos mundos a matéria se torna mais sutil, o trabalho mais fácil, as necessidades menos imperiosas. O espírito penetra no seio

das sociedades mais perfeitas e mais felizes e aí goza de prazeres espirituais reservados às almas purificadas.

Ele reconhece a maior parte dos seres que o cercam, por haver percorrido com eles a etapa terrestre. Recorda-se da vida passada, os serviços prestados, as alegrias e as dores compartilhadas e em todas essas lembranças ele encontra também os laços que o prendem a essa multidão como a uma imensa família cujo número irá se engrandecendo à medida que a alma se eleva e participa de uma maneira mais ampla e mais completa da vida universal. O espírito sente em si uma força que o incita a sempre se tornar maior e se desenvolver, se aperfeiçoar. Do exterior uma atração o envolve e o arrebatada para as coisas divinas, para os cumes da sabedoria e da luz. Mas, apesar dessa atração ele se sente livre para fazer suas escolhas, tomar suas resoluções e, ao mesmo tempo, responsável pelos seus atos. Ele admira essa hierarquia imponente das almas que se escalonam através do infinito e que constitui a armadura espiritual do universo, hierarquia baseada sobre os méritos, as virtudes, e à qual podem aspirar todos aqueles que muito trabalharam, muito amaram, muito sofreram.

– 0 –

Toda obra humana, para ser bela, grande, durável, deve ser como um reflexo, como uma imagem reduzida da obra eterna. As instituições, as regras, as leis sociais devem se inspirar no grande plano geral, da ordem do Universo. Ora, é aí que reside o ponto fraco do Socialismo, a causa de seus insucessos, cada vez que ele quer passar de teorias e sistemas diversos a uma realização prática, a uma organização viva.

O socialismo cuida muito pouco das leis superiores e do fim real da vida, que é uma finalidade de evolução e de aperfeiçoamento. Ele se preocupa muito com o corpo material, que é passageiro, e muito pouco com o espírito, que é imortal.

Ora, vimos instituições que não estão em harmonia com os princípios eternos e estão destinadas a perecer. O Socialismo deve,

antes de tudo, agrupar o conjunto das forças e dos conhecimentos de maneira a dar um impulso mais vivo à evolução do homem durante sua jornada na Terra. O verdadeiro Socialismo consistiria pois em estudar e observar as leis e harmonias universais a fim de realizar tanto quanto possível, no meio terrestre, tanto na ordem física quanto pelas faculdades espirituais e as qualidades do coração. É só então que cada indivíduo terá adquirido a saúde perfeita da alma e do corpo, a dominação de si mesmo, quando a coletividade tiver tomado plena consciência de seus deveres e sua destinação, que a Humanidade avançará com um passo mais seguro na via do bem. Até lá é preciso esperar por provas e catástrofes, males de toda a sorte, pois que há a correlação em todas as coisas e a desordem dos espíritos leva à desordem da natureza e da sociedade.

Objetar-me-ão que a massa humana é ainda pouco apta à compreensão das altas verdades e que cabe ao chefe do movimento a sua assimilação, a fim de orientar para um fim nobre e elevado a marcha da multidão que o segue.

Parece que a hora das renovações se aproxima. Em meio às vicissitudes de nosso tempo conturbado, fatos significativos se produzem, de onde se depreende uma grande esperança. A despeito dos males do nosso século, vê-se manifestar por toda parte uma vontade de viver, de saber, de progredir, que é uma garantia certa da restauração moral e da evolução humana.

Mais alto que os germes da decadência e da ruína, vê-se passar o sopro do espírito que suscita por toda parte empreendimentos ricos de futuro. A despeito das causas de rivalidade e de ódio que ainda dividem os povos, vê-se desenhar uma necessidade crescente de entendimento e solidariedade que tende a uni-los em tarefas comuns.

Jamais, no curso da história, a solidariedade nas provações e o sofrimento se fizeram presentes de maneira tão intensa. A cruel Guerra Mundial fez despertarem muitas almas e a dor se tornou como que uma promessa de renovação.

Todos aqueles que foram feridos pela angústia, pela incerteza do amanhã e a perda de seres amados sentiram a necessidade de um estado de coisas que poupasse às gerações o retorno de males semelhantes. Essa necessidade de solidariedade passou da teoria à ação. Engendra obras que agrupam os representantes dos povos, das sociedades, das corporações, de todas as associações humanas; isto não é senão um reflexo da repercussão dessa imensa solidariedade que une todas as fontes do espaço e funciona impulsionando as forças sociais de nossa Terra para um período de transformação.

A multidão imensa das vítimas da guerra plana acima de nós. Ela não permanece inativa, mas trabalha de mil maneiras, com o auxílio dos espíritos superiores para multiplicar os laços que unem o Céu à Terra. E eis que uma comunhão mais estreita se estabelece entre aqueles que se curvam ainda sob o jugo da carne e aqueles que dela estão franqueados.

Do alto, correntes de força, de inspiração, de recursos fluídicos vertem-se sobre a Humanidade, como uma revelação nova que se difunde sobre todos os pontos do globo. Essa revelação poderosa levará a vida planetária para os horizontes mais esclarecidos da sabedoria e da luz divina.

## Capítulo VII

Os acontecimentos que se desenrolaram há alguns meses suscitaram muitos comentários e preocuparam muitos espíritos. A fim de permanecer no círculo das preocupações do momento, permitimo-nos, neste capítulo, deixar em suspenso nosso assunto habitual para considerar do alto a questão política e social, como se a julgássemos do espaço.

Do ponto de vista da evolução, encontramos-nos em uma esquina brusca após a qual será preciso reencontrar o caminho seguro. Toda sociedade é regida por princípios que, sob a ação do tempo, revestem-se de aspectos novos. Os recentes movimentos políticos, dissemos, são provocados por reencarnados que já desempenharam um papel importante nas épocas revolucionárias, seja na França ou no estrangeiro, pois que o espírito não é induzido a renascer no mesmo país. A França vem, há séculos, representando no mundo as grandes tradições históricas: essas tradições, que eram realistas, foram quebradas pela revolução. Hoje é preciso reconstituir o prestígio da França por meio de uma direção nova, inspirada em um ideal superior.

Pode-se já prever que o Espiritismo, caminhando a par com a ciência, se tornará, no futuro, a base das doutrinas religiosas chamadas a substituir os dogmas envelhecidos. Estes se adaptavam à mentalidade dos tempos em que foram estabelecidos mas não respondem mais às necessidades da Humanidade em marcha.

Segundo os meus artigos precedentes, eu me coloquei entre os socialistas. Mas tive o cuidado de dizer que não aceito o Socialismo sem a doutrina espiritualista que o tempera, o dulcifica, tira-lhe todo o caráter de áspera violência. Reprovo o Socialismo materialista que só semeia o ódio entre os homens e, por conseguinte, permanece infecundo e destrutivo, como se pode ver na Rússia. Sou evolucionista e não revolucionário.



Creio dever dar a palavra aos nossos guias e protetores invisíveis, muitos dos quais participaram da direção política do último século. Um entre eles nos disse:

“Vossa época tem uma grande importância. Vossos homens políticos, em geral, não vêem senão o sentido prático e antes material, a razão e o interesse são seus guias, e aí está em grande parte o que constitui a política das esquerdas. Isso, porém, está longe de ser suficiente para assegurar a vida intelectual e moral de uma grande nação. É preciso chegar, cedo ou tarde, às doutrinas espiritualistas para dar a essa política toda a sua grandeza e seu alcance.

As mudanças de fachada causaram alguma surpresa, mas a política do vosso antigo Ministério parecia fazer reviver as tendências antigas que não podiam oferecer o suco necessário à obra do progresso.

Teríamos preferido que a mudança de fachada se fizesse de começo, no terreno filosófico; por isso o Socialismo seria aclarado por uma luz mais viva e mais pura. Seria mais difícil fazer beneficiar as instituições humanas com o raio superior e teria podido desde o começo inspirá-las. Daí nossos sentimentos do ponto de vista psíquico; agora, do ponto de vista prático, desçamos à arena e procuremos o que se produziu.

Os homens políticos que queriam fazer reviver as instituições do passado se chocaram com forças poderosas, desprendidas de todos os cuidados conservadores e animados de desejos de renovação. Qual será o resultado? Assistireis a lutas, a discórdias de onde nascerá, dentro de algum tempo, um novo partido.

O golpe de força constitucional pode parecer um choque, mas do choque nasce a centelha. Lamentando que a evolução não parta de um ideal superior, não podemos, do Espaço, impedir as idéias de seguir suas marchas. Ainda assim, correntes de ondas nos são enviadas de mundos mais evoluídos, a fim de que vossas vistas se lancem para o futuro e que vossos

dirigentes cheguem a compreender a existência da vida universal e suas leis.

Do Espaço, trabalha-se para dilatar as concepções do homem de direita e a moderar os impulsos dos extremistas. É preciso saber esperar sem excesso de otimismo e preparar, na ordem e na razão, a eclosão dos princípios novos.”

Outra mensagem, de 6 de maio de 1924, depois das eleições, nos trouxe os seguintes esclarecimentos:

“A vontade soberana do povo decidiu que dois grandes princípios deveriam inspirar a direção política de vosso país no interior e no exterior. Se os cérebros dos homens políticos se impregnarem de forças do espaço, disso poderá resultar um certo bem. Devemos zelar para que os Espíritos sábios forneçam intuições aos vossos homens de Estado.

Quando os novos eleitos estiverem em face da realidade, deverão constituir, de início, uma maioria mais à esquerda. Se esta não se compuser senão de homens conscienciosos, apaixonados pela liberdade e independência, resultará em uma política improfícua.

É preciso um espírito novo comparável a um vinho generoso vertido nas veias do povo, um ardor maior e um desejo de ir em frente.

Do ponto de vista científico, vê-se surgirem teorias novas e a política deve servir num movimento paralelo. A nova maioria vai se inspirar em doutrinas socialistas dos limites da justiça, do bom senso e da razão.

Em relação aos fenômenos científicos novos, é preciso apresentar fatos políticos da mesma ordem. O pensamento evoluiu; muito ardente, ele buscava desviar-se. É preciso, para vos fazer viver dentro dos princípios morais, um certo entusiasmo que vos ajude a elevar-se para a vida superior.

Choques se produziram na abertura das Câmaras; os republicanos se encontrarão face a face com os socialistas e

estes últimos em desacordo com os comunistas. No começo, a fusão será laboriosa. Quando os futuros governantes se pronunciarem sobre os problemas a resolver, sua inclinação os levará para soluções pacíficas.

Quatro anos de legislação são pouca coisa. Se nesse lapso de tempo a política nova cometer alguma falta, a opinião voltará atrás. Hoje, a política de arbitragem parece tomar no mundo preponderância sobre aquela da luva de ferro.

Para que vossa Terra evolua e o homem possa alcançar um outro planeta, é preciso renunciar às idéias militaristas. Uma nova era psíquica se prepara para vós. Sugestões apropriadas irão se produzir e não haverá outra guerra nos próximos quatro anos. E ensejou as críticas daqueles que se recusavam retornar ao passado. Deveis vos inspirardes em instituições do futuro e não naquelas do passado.

A primeira medida será reforçar o espírito laico e fazer penetrar na instrução esse espírito de beleza que, dulcificando as disciplinas políticas, morais e científicas, criará um impulso para a espiritualidade que não deverá jamais se enfraquecer.

Nos séculos anteriores, a religião foi necessária. A espiritualidade simples ia de par com o ambiente científico apenas nascido e agora o vazio foi ocupado. As ondas fluídicas que nos envolvem afinam o pensamento. Dizei a todos que o culto da beleza e do ideal pode sozinho conduzir a Humanidade para uma compreensão mais larga da vida universal.”

Outra mensagem foi recebida a 30 de maio de 1924:

“A França neste momento vê se desenrolar um período instável que deve durar algum tempo. Assistireis a choques, mudanças de Ministérios, sobressaltos políticos, alianças de partidos que vos espantarão; depois a tempestade se acalmará e nascerá no seio da Assembléia um partido novo, reconstituirá uma maioria mais estável e acarretará um período relativamente pacífico.

De vosso antigo Presidente do Conselho aprecio a lealdade de seu amor ao país, sua facilidade no trabalho, mas o que lhe falta é uma espécie de intuição que lhe indique que certas possibilidades têm limites. É perfeitamente necessário fazer concessões para ganhar de novo o terreno perdido na luta política. Ele compreenderá o seu erro e recomeçará um dia a tarefa iniciada. Em um regime republicano é preciso que não seja o mesmo homem que governe constantemente; a natureza humana não pode exteriorizar todas as qualidades necessárias.

Não estou completamente de acordo com os políticos que vão assumir o poder. Gostaria de aliar um ideal superior às idéias políticas e humanas. Os políticos atuais retiram tudo de seu *Eu* consciente. Os governos que vão se suceder são necessários para exercer uma compreensão entre os partidos de direita e esquerda. Eles vão tomar à esquerda o que pode ser tomado em vossa sociedade atual.

Creio que os homens que irão ser chamados ao governo serão obrigados a circunscrever seu programa em um círculo mais estreito.

Do Espaço eu posso dizer-vos que para estabilidade da França e do mundo é preciso lançar mão de teorias humanitárias e de teorias nacionais, racionais e positivas. No dia em que vossa direção política estiver estabilizada, vossa ciência terá marchado, vossos cérebros estarão mais aptos a compreender que uma espiritualidade nova há de surgir e que a Humanidade deve se impregnar de racionalismo.

Nós projetamos radiações suscetíveis de dar as forças evolutivas necessárias para equilibrar o cérebro dos homens políticos, a fim de alcançarem um período de paz.”

Mensagem recebida em 11 de julho:

“Do ponto de vista psíquico, a situação européia deve se aclarar. Do Espaço não podemos analisar cada pensamento humano, do ponto de vista político, pois que tudo se traduz por

mais ou menos pureza, por cores mais ou menos claras e densidades fluídicas variadas.

Quando lançamos um olhar sobre as diversas prisões de vosso planeta, vemos que as lutas são mais ou menos violentas. Na hora atual trata-se de se circunscrever um foco representando os apetites e o espírito de dominação em 1914. Dois meios estão à vossa disposição: anular os maus fluidos por uma vontade inquebrantável ou dissolvê-los projetando sobre os mesmos outros fluidos mais etéreos cuja natureza estará em relação com a elevação da consciência e o sentimento de justiça. Eis como se apresenta a carta psíquica de vosso campo de batalha política.

A França e a Inglaterra poderiam, se o quisessem, conjugar seus esforços para comprimir os círculos adversos. Fora preciso pouca coisa para isso, mas esse pouco é difícil de se realizar. À fé inglesa falta sinceridade; ela é reforçada por um pensamento preconcebido. Querendo evitar uma nova guerra com a Alemanha, ela atíça a liderança do mundo ditando todas as suas vontades.

Na França o ideal nacionalista não é suficientemente aliado a um ideal de justiça e de equidade. O que nos impede de agir do Espaço são as forças aí instaladas, que suscitam controvérsias incessantes.

Seria preciso que o egoísmo inglês desse lugar a um sentimento de justiça que se confundiria fluidicamente com as emanações idealísticas francesas, as quais se quebram na lógica implacável de vossos aliados.

Três forças estão, pois, presentes: a força brutal alemã, o ideal incompleto francês, o egoísmo e a lógica puritana inglesa.

As conferências entre os dois primeiros ministros não chegaram a um grande resultado. Na Inglaterra há em jogo interesses alemães e objetivos financeiros.

Do Alto, desejar-se-ia que surgissem em vosso país homens honestos, íntegros, com um ideal formado de amor ao país e de justiça social. Vós os possuís, mas em feixes separados.

O ideal espírita vai crescer, mas antes que vossos feixes radiantes se juntem aos nossos é preciso que a tempestade moral seja acalmada.”

– 0 –

Posso acrescentar a clara visão desses grandes espíritos que, em sua totalidade, desempenharam um papel político importante, quando de sua última jornada terrestre; como eles, eu sou republicano, não que eu considere nossa República como o mais perfeito dos governos. Todo esse ponto de vista eu compartilho com o ponto de vista de Montesquieu, que escrevia que a República exige a sabedoria e a virtude. Falta à nossa, assim como dizem os nossos guias, o ideal superior, a tradição moral que faz a grandeza e a dignidade das nações.

A rigor, eu me acomodaria, como outras tantas pessoas, em uma monarquia constitucional, se eu soubesse que ela pudesse dar mais paz e felicidade ao meu país; mas acredito que uma restauração desse gênero é impossível, pois faltam os elementos necessários, isto é, o respeito à autoridade, o sentimento da hierarquia, o gosto pela disciplina.

Sou a favor da democracia, que, só ela, me parece capaz de assegurar a pacificação e aproximação entre os povos. Os Estados despóticos e a política dos soberanos são naturalmente levados a usar da força para aumentar seu poder, enquanto que as democracias, onde o conjunto dos cidadãos deve se pronunciar sobre as questões viáveis, são pouco favoráveis à guerra, que, longe de levantar, arruína os povos. Assim, em nossa época procuramos criar instituições bastante instáveis para regular a arbitragem dos conflitos entre nações.

Lembramos aqui as duas mais antigas repúblicas do mundo: a Suíça e os EE.UU., em suas obras fundamentais, se inspiraram em

um ideal sagrado. O pacto de Grutli e o dos imigrantes de May Flower unia os contratantes em um laço federal sancionado por uma fé espiritualista e uma prece a Deus.

Esse sentimento persistiu em face da grandeza desses povos que sempre souberam reagir contra os usurpadores da política utilitária e materialista que tende a invadir o mundo. A França teve também suas horas de idealismo e de espiritualidade. A Declaração dos Direitos do Homem e as publicações de 1848 disso fazem irrecusável testemunho; hoje, porém, ela parece ter esquecido esse ideal superior que faz o prestígio das obras humanas. A última guerra alterou em muito os caracteres e as consciências; ela desencadeou apetites, cobiças sem limites.

Outrora se conheciam duas maneiras de fazer face às necessidades da existência: adquirir riquezas ou então restringir as necessidades, procedendo com economia. Este último meio, o meio seguro, entretanto, cai em desuso. Quer se possuir a todo preço. As necessidades se multiplicaram a ponto de tornar a luta pela vida mais áspera, mais tirânica. Também o trabalho, a tarefa cotidiana, que se realizava outrora com alegria, com obstinação e bom humor, o trabalho – bem explícito entretanto – se tornou para muitos uma contrariedade, um jugo que se suporta dificilmente.

Ignora-se que multiplicando as necessidades fictícias, atiçando os desejos, prepara-se a desgraça do ser, não apenas na Terra, mas também na vida do Espaço, pois, se as necessidades desaparecessem com o corpo, os desejos que são do espírito persistem nele e as privações se fazem sentir no *lado-de-lá*, onde a matéria não tem mais império. A ausência das coisas que nós muito amamos se torna uma causa de sofrimento.

Para todos esses males, qual será o remédio? Pode ser encontrado em uma renovação do espírito e do coração, isto é, numa educação nacional que explique ao homem o porque de sua presença e de sua passagem sobre a Terra. Pois, de que serve conquistar os ares, as águas e todas as forças materiais, se o homem não aprende a conhecer, a discernir as finalidades de sua vida? E se

o remédio não está em tudo e na ciência, ele virá pela prova, pois as causas amargas são as mais eficazes para o progresso e a depuração do ser. Mas eis que começa, por uma colaboração estreita com o mundo invisível, uma nova fase da evolução humana. Pois, pelos esforços reunidos, dos habitantes da Terra e do Espaço, se dissiparam as trevas e se curaram os males que ainda pesam sobre a Humanidade.



## Capítulo VIII

Se considerarmos a obra da Terceira República, fazendo-se a abstração das críticas que ela possa comportar, não se poderia desconhecer o grande esforço social que ela realizou, esforço de que resultam vantagens consideráveis em proveito da massa operária. Essas vantagens se resumem como se segue: seguros sociais, aposentadoria operária, participação de benefícios em um grande número de indústrias, proteção das cooperativas e da mutualidade sob todas as suas formas. De outra parte, cursos para aprendizagem da mão de obra foram estabelecidos em toda a França. 160 mil trabalhadores já se haviam beneficiado em 1916; essa cifra se elevou para 1.200.000 em 1923.

O Ministério do Trabalho acaba de publicar um resumo sugestivo de reformas realizadas no domínio que lhe é afeto. Aí se assinalam tentativas audaciosas e transformações decisivas na obra social. O papel desse Ministério é de importância capital: ele consiste em assegurar a produção nacional, regularizar o mercado de trabalho, arbitrar as greves, pacificar os conflitos. Graças à sua intervenção a França, que contava mais de 120.000 operários desempregados em abril de 1911, teve esse número reduzido para 1.500 em 1923. Ele criou para isto o trabalho “dito de seguros” e dotou de subvenções consideráveis as caixas de desemprego criadas pelos sindicatos.

O direito de greve legítima é a arma do trabalhador contra as pretensões exageradas dos capitalistas, dos capitães da indústria. mas é uma arma de dois gumes que se volta às vezes contra aquele que dela se serve e o fere. Por outro lado, as greves se estendendo, podem paralisar toda a vida econômica de um país e causar privações, sofrimentos cruéis a todo um povo, sem distinção de classes.

É então que a ação do Estado pode ser eficaz, não se impondo como árbitro obrigatório, mas fazendo todos entenderem, pelos

seus representantes, as palavras de pacificação e conciliação e procurando com os interessados, em um espírito de equidade, os meios de dar prosseguimento à obra específica e fecunda do trabalho. Por exemplo, em 1922, viu-se 679 greves, interessando a mais de 40 mil trabalhadores, arbitradas com sucesso.

De outra parte a cooperação sob todas as formas alcançou um grande desenvolvimento, tornou-se um recurso precioso para melhorar as condições de existência do trabalhador e sua família. O número de cooperativas de consumo se elevava a 4.910 em 1920, com dois milhões e quinhentos mil aderentes e um orçamento de 2 bilhões.

Foi assim que, desde há meio século, vemos se desenvolver a obra social de uma maneira lenta, é verdade, mas segura e contínua; obra de paciência e de um longo fôlego, muito mais eficaz em seus efeitos do que as revoluções violentas que levam fatalmente a reações não menos violentas.

Apesar de todas essas melhorias, o povo permanece descontente, a classe operária parece desdenhar a realização gradual e metódica dos processos sociais, uma espécie de azedume persiste entre um grande número e, entretanto, a situação material do operário é, em geral, preferível à da pequena burguesia.

Por que o povo permanece desconfiado e às vezes hostil? É que ele foi por muito tempo enganado, subestimado e mesmo traído em seu passado. O povo se tornou incrédulo não apenas a respeito dos dogmas, mas ainda a respeito das promessas eleitorais. Entretanto, ele não é cético. O que ele pede antes de tudo é a justiça. E essa aspiração que ele cultiva para a justiça imanente não é um sentimento poderoso e quase religioso? Pode se encontrar no fundo da consciência e está aí no meio de incerteza e contradição o que nos orienta para um estado melhor. Falta-nos instituições que cultivem a justiça, na família, na cidade, que dela tornem o móvel de todas as ações.

Nesse sentido há muito ainda que fazer, pois não é tudo assegurar ao trabalhador o pão e a moradia. O povo não tem apenas

necessidades materiais; ele pede também que se cultivem suas faculdades superiores, na instrução, muito negligenciada por uma política materialista, por sua insuficiência e seus falsos métodos, o que muito contribuiu para criar o mal estar que sofremos. Povo tornado soberano tem necessidade de ser mais conhecido em seus votos e seus julgamentos.

É preciso preocupar-se em dar ao homem uma fé livre e desinteressada, que o sustente em suas provas, uma crença racional que lhe permita reagir contra as causas de infelicidade. É chegada a hora de substituir o dogma envelhecido por um ideal científico e esclarecido em harmonia com a evolução humana. Então o povo mostrará todas as qualidades que nele subsistem e ver-se-á dissipar os preconceitos e a desconfiança que a democracia inspira ainda a certos espíritos inquietos.

Com efeito, o problema intelectual se relaciona estreitamente com o problema moral. Todos os dois nos impõem o dever de combater o alcoolismo e todos os vícios que entravam o desenvolvimento da raça. É preciso ensinar o homem a respeitar a si mesmo, a salvaguardar sua própria dignidade, pois elevando o nível moral trabalha-se ao mesmo tempo para resolver todos os problemas difíceis da hora presente.

O sentimento de justiça, do qual acabamos de falar, encontra sua sanção em todos os ensinamentos do Espiritismo. A massa enorme de testemunhas de além-túmulo não é a prova de que essa noção é a própria lei do Universo, a regra suprema dos seres e das coisas? Reunida à lei da evolução que aí se prende estreitamente, essa prova proporcionaria às instituições baseadas no progresso da justiça uma força moral incomparável e uma espécie de consagração.

Não nos esqueçamos de que a solução desses problemas sociais não poderá ser completa, satisfatória e definitiva, enquanto um alto pensamento não vier irradiar sobre as inteligências e os corações; enquanto o impulso de solidariedade humana não vier dissipar os mal-entendidos de sentimentos que separam ainda os Partidos e as

Classes, facilitar a fusão dos interesses, a união dos esforços na concretização da obra comum. Fora preciso maior noção de consciência em uns e de justiça em outros, consentimento de deveres e responsabilidades que incumbem a todos na medida dos recursos e do poder de cada um.

Nesse grande pensamento, nesse nobre ideal, nesses sentimentos elevados, Jean Jaurès se inspirava em seus discursos e em seus atos e, daí, a forte impressão que ele exercia sobre seus auditores. Depois de sua morte, procuramos entre os socialistas aqueles que se tornaram dignos de substituí-lo, mas guardamos a esperança de vê-los surgir um dia.

O Espiritismo é uma grande doutrina que vem mostrar a todos os laços de eternidade que nos religam através de uma vida renascente em nossa marcha para uma mesma finalidade grandiosa e remota. Só ele pode nos ajudar a resolver os numerosos problemas que inquietam e apaixonam ainda o espírito humano.

O Socialismo do futuro será o Socialismo espiritualista, pois realizará um ideal baseado no desenvolvimento da mais alta faculdade da alma. Só ele poderá dissipar os prejuízos de castas, de raças, de cores e de religiões e fazer nascer um sentimento profundo de fraternidade única.

Qual será seu programa de ação em um período de lutas que tendo se encerrado deverá coroar sua obra de regeneração social?

Creemos que este programa pode se resumir como se segue:

- Assegurar o pão dos velhos e o abrigo de um lar para os trabalhadores esgotados pela idade e enfermidades;
- Dar à criança o alimento intelectual necessário, isto é, instruí-la quanto aos seus deveres e a grande finalidade da vida; iniciá-la nos princípios que fazem do universo e do conjunto de existências um todo harmonioso do qual é parte integrante, atuante e responsável;
- Proteger a mulher contra as fraquezas mórbidas e as seduções funestas, proporcionar-lhe no estado de gravidez o trabalho

manual que lhe torne possível a vida familiar e a educação dos filhos;

- Assegurar a todos uma parte do bem-estar proporcional à tarefa realizada e aos serviços prestados na obra social;
- Tornar acessíveis a toda alma humana os ensinamentos, as consolações, as luzes que proporcionam o culto do bem e do belo em suas formas diversas: arte, literatura, poesia, tudo que constitui um meio de elevação, moralização e aperfeiçoamento; tudo que é eficaz para apagar na alma as manchas do passado, tudo que prepara o ser para suas destinações reais; em uma palavra, proporcionar ao ser humano o que ele veio cobrar da existência, isto é, segundo a lei da evolução, um degrau para subir mais alto na hierarquia das almas, o desenvolvimento das qualidades do espírito e do coração.

– 0 –

Propõem-me, a propósito da economia social, uma série de questões das quais vou me esforçar por responder:

Por que – perguntam-me – o plano das reformas sociais, tão legítimo e tão urgente, está tão longe de se realizar?

Que devemos pensar do conflito permanente entre capital e trabalho, do sindicalismo, da CGT e a lei das oito horas?

Qual é a fórmula mais prática da cooperação operária e dos interesses do Estado?

O Socialismo, mesmo em suas reivindicações mais legítimas, joga contradições robustas diante das quais vê-se constrangido a ceder. Se, nos meios parlamentares, no seio da oposição, ele se mostra intransigente desde que retornou ao poder, vê-se logo moderar sua ação, suspender seu programa de reformas e contemporizar. Ramsay MacDonald era na oposição da Câmara dos Comuns o mais virulento orador trabalhista; feito Primeiro Ministro, declarou ele próprio conciliar as novas reformas com as

formas antigas da sociedade inglesa. Dirigia-se àqueles que pretendem reformar em um dia os homens e as instituições, deixando para mais tarde a nacionalização das minas e das estradas de ferro sonhada por seu partido.

“Nosso programa de reformas – disse ele, – será obra de gerações sucessivas e mesmo quando estivermos mortos e esquecidos a marcha continuará. O ideal de um grande futuro se acenará ainda diante de nosso povo”. Ramsay MacDonald não acreditava nem na existência de classes opostas, nem na luta entre elas, nem na revolução fatal, nem mesmo na revolução possível (*Journal de Geneve*, 2 de setembro de 1924).

Em um sentido diferente, a República dos Soviéticos, que outrora havia abolido o capital e a propriedade, se apressa hoje em solicitar empréstimos junto de todos aqueles que poderão oferecer grandes somas e oferece como garantia aos financeiros concessões de minas e de florestas.

Na França os socialistas terão cuidado em não cair nesses excessos, pois sabem que o capital é uma força, a reserva dos povos e vê-se que os bolcheviques não podem tentar o erguimento de seu país sem fazer apelo aos créditos. Por todos os lados os portadores de títulos são legiões e são encontrados até entre os mais humildes trabalhadores.

Assim, o Socialismo age pela força mesma das coisas. Ele reconhece que o capital é necessário para a realização dos grandes trabalhos e prosseguimento das atividades e a direção geral da mão de obra. Seu objetivo essencial será então uma repartição mais eqüitativa e mais igualitária da riqueza entre os diversos elementos da produção. Quanto aos excessos provenientes de um mau uso da força financeira, pode-se sempre reprimi-lo por leis quando ele adquirir o poder.

Enumeramos antes todas as inovações criadas pelo Estado em favor das classes trabalhadoras e a esse assunto não retornaremos. Acrescentamos apenas que a burguesia não vê sem temor sua ingerência na produção industrial. É que a experiência demonstrou

que o Estado é muitas vezes um mau explorador, um produtor oneroso. As exigências dos trabalhadores e dos funcionários que ele emprega eleva o preço de revenda do produtor a cifras que torna a exportação impossível. Os outros Estados, aqueles que têm à sua guarda um regime de liberdade, como os Estados Unidos, guardaram sua supremacia sobre todos os mercados e suas vantagens serão tais que eles não sonharão jamais em adotar os métodos do Estatismo.

Um Socialismo sábio e avisado deverá refazer da obra geral uma vasta parte da iniciativa privada, fontes de energia, de emulação e de concorrência fecunda.

No que concerne às grandes associações patronais e operárias, as Federações de sindicatos devem reconhecer, no mesmo grau, sua justa razão de ser, na medida em que colocaram o interesse superior do país acima dos interesses de castas ou de incorporação. É preciso admiti-los como legítimos à condição de não sair do seu papel social e abster-se desse espírito de dominação que tende à opressão de uma classe pela outra e resulta em reações em contrário.

Não é um instinto natural que leva o homem a agrupar suas forças tendo em vista um perigo a ocorrer, de uma dificuldade a ser ultrapassada? A ordem social deve comportar a liberdade de associação, mantendo um justo equilíbrio entre seus agrupamentos de força e se opondo às usurpações de uns pelos outros, cada qual velando por seus interesses próprios.

Na ordem econômica, a solução do problema está na associação do capital, motor indispensável de toda empresa, da inteligência diretiva e da mão de obra que ele ocupa. Aí como em todas as coisas, a equidade deve presidir à repartição dos bens. É a finalidade mediata e terrestre do ideal democrático e a razão porque as massas operárias colocaram nele a esperança e a sua fé.

Sem dúvida, o acordo não é fácil de ser realizado. Os conflitos periódicos que eclodem na vidraria operária de Albi, entre a direção e o conselho de trabalhadores, o demonstram. Porém nada se obtém

sem trabalho! Devemos assinalar inovações felizes que dão a fórmula mais prática à solução do problema cooperativo: certas indústrias de porte, inglesas e americanas, criaram o que eles chamam a *La'actionniat copartnership*, isto é, a participação do operário a uma parte do capital que ele adquire pondo em obra uma parte de sua economia e de seu pagamento completados pela direção na proporção do tempo de serviço realizado. Outras companhias criam “ações de trabalho” que vêm se juntar aos salários dos trabalhadores especializados, de modo que eles se tornam a si mesmos co-proprietários.

A experiência mostra que esses sistemas são preferíveis à simples participação dos benefícios, pois que asseguram uma repartição mais justa nos lucros e nas perdas.

Quanto à lei de oito horas, se sua aplicação parece justificada por certas indústrias, como as minas, a metalurgia, as vidrarias, etc., em outros casos ela produziu verdadeiros abusos. Por exemplo, as companhias de estrada de ferro tiveram de aumentar seu pessoal em proporções que ocasionavam despesas excessivas. Foi-lhes preciso pois aumentar as tarifas de transportes que se tornaram um embaraço considerável e uma das causas permanentes da carestia da vida.

Ainda deste ponto de vista, a liberdade do trabalho nos parece preferível, sobretudo agora que o operário possui, em seu sindicato, a maneira de lutar com armas iguais às do seu patrão. Além disso, a lei das oito horas já sofreu tantas derrogações que não é mais que uma letra morta. Sob este ponto, como sob tantos outros, a necessidade obriga a transações. Para produzir todos esses elementos benfeitores, o Socialismo não deve se confinar no realismo de curta vida e desconhecer a importância do fator moral na solução dos problemas que ele quer resolver. O Espiritismo é um poderoso meio de propaganda e de realização de todas as grandes idéias, generosas e humanitárias. Ele oferece ao Socialismo uma base e uma sanção demonstrando que os princípios de solidariedade, de fraternidade e de justiça, que constituem sua



própria essência, se encontram nas leis Universais e são a regra dos mundos superiores.

Até aqui, o Socialismo não pode vencer os preconceitos que se dirigem contra ele. O Espiritismo vem, com sua alta doutrina e sua ciência experimental, trazer-lhe os recursos necessários para triunfar dos obstáculos e aplainar o seu caminho. Já os resultados desse grande movimento elevador do pensamento surge aos olhos daqueles que sabem medir a marcha e calcular as vastas conseqüências.

Logo, do próprio seio do partido socialista surgirão homens dotados pela palavra e pela pena e que encontrarão aí os argumentos decisivos em favor de sua causa. O estudo do Espiritismo mostrar-lhes-á a solidariedade que os liga à Humanidade invisível como duas partes de um mesmo todo, que as condições de vida no Além, que são as conseqüências de nossos atos, são regidas pelo princípio de soberana justiça e que é necessário que se as conheça para saber estabelecer sobre a Terra leis, instituições sociais, sábias e harmônicas.

**FIM**

## Notas:

---

- <sup>1</sup> Léon Denis se refere à I Grande Guerra Mundial, de 1914 a 1918. Os textos desta obra foram escritos em 1924. (N. T.)
- <sup>2</sup> Sir Conan Doyle, o grande escritor inglês, mostra uma fotografia tomada em Londres, agora no Cenotáfio do Soldado Desconhecido, durante o minuto de silêncio e recolhimento. Vê-se aí uma multidão de cabeças jovens entre as quais afirma reconhecer a de seu filho morto no front.
- <sup>3</sup> Disco de metal preparado para ser cunhado. (N. T.)
- <sup>4</sup> Volders, Jean – Político belga (Bruxelas – 1855, Schaerbeek – 1896). Participou da formação das ligas operárias que reuniu em partido operário (1885). Organizou o Congresso Socialista Internacional de Bruxelas (1891).
- <sup>5</sup> Jaurès, Jean – Político francês. Após brilhantes estudos secundários, frequentou a “École Supérieure Normale” em Paris e depois tornou-se professor de filosofia no Liceu de Albi. Interessou-se por política, elegendo-se Deputado por Tarn em 1885. Derrotado nas eleições de 1889, retornou por algum tempo aos seus estudos e, em 1891, defendeu duas teses de doutorado: “Da Realidade do Mundo Invisível” e “De Primis Socialismi Germanici Lineamentis apud Lutherum, Kant, Fichte et Hegel”. Apoiou a greve dos mineiros de Carmaux e estes o elegeram para a Câmara, desta vez como Deputado do Partido Socialista Independente. Apesar de ser derrotado em 1898, deveria se tornar deputado de Tarn em 1902, 1906, 1910 e 1914. Seu socialismo não coincide exatamente com o marxismo; recusava a ditadura do proletariado, a realização do coletivismo por um estado burocrático e o internacionalismo sistemático. O socialismo era, para ele, o livre e pleno desenvolvimento da pessoa humana, o verdadeiro sentido da declaração dos direitos do homem. Acreditava ser possível a criação de uma sociedade sem classes por meio de um esforço pacífico, sem sair do quadro eleitoral.

---

Quando explodiu o caso Dreyfus, pediu a revisão do processo. Seu livro *As Provas* fez com que perdesse as eleições daquele ano e sua atitude chocou-se com a oposição de Jules Guesde e outros marxistas de uma ala contrária à defesa de um oficial burguês. Apesar dessa oposição, Jaurès fez-se o defensor público do “Bloco de Esquerda”. E foi eleito vice-presidente da Câmara em 1903. Mas o Congresso da Internacional Comunista de Amsterdã em 1904 condenou os socialistas que participavam de um governo burguês, apoiando, portanto, Guesde contra Jaurès. Como este aceitou a decisão do Congresso, tornou-se possível a união de todas as tendências socialistas na “Section Française de l’Internationale Ouvrière” (SFIO 1905). Jaurès e seu socialismo humanista fizeram rápidos progressos na nova organização, em detrimento do Guesdismo. Ele não era apenas um orador político, mas um educador do povo, ao qual transmitia ideais de progresso, liberdade e justiça. Alguns de seus adversários viam nele uma grande força espiritual, porém sua oposição à política colonial e sobretudo sua luta incansável para uma reconciliação franco-alemã valeram-lhe o ódio de diversos nacionalistas franceses. Foi assassinado por um desequilibrado, Raoul Villian, e, em 1924, seus despojos foram transladados solenemente para o Panthéon. Jaurès publicou diversas obras, entre as quais: *História Socialista da Revolução Francesa*, *O Novo Exército*, *Ação Socialista*, *Discursos Parlamentares*. Entre 1931 e 1939 foram publicados por Max Bonnafous nove volumes de obras selecionadas, com o título de *Obras de Jean Jaurès*.

- <sup>6</sup> Mazzini, Giuseppe – Escritor e político italiano (Gênova, 1805 – Piza, 1872). Estudou Direito, Filosofia e Medicina, graduando-se em 1827. Aderiu aos carbonários (adeptos de uma sociedade secreta que lutava pela unificação da Itália), escrevendo em jornais de oposição ao governo e à Igreja. Preso em 1830 e solto logo depois, iniciou sua longa carreira de exilado e conspirador na Suíça. Dirigindo-se para a França, preparou em Lyon uma invasão à Savóia, apesar da oposição do Governo de Paris. Foi

---

obrigado a refugiar-se na Córsega, onde organizou levantes em Módena, sufocados pelos austríacos. Em Marselha fundou o grupo “Jovem Itália”, com um programa nacionalista e republicano, e casou-se com Judith Sola, viúva de um patriota. Após tentar uma revolta fracassada na Sardenha, refugiou-se na Suíça onde iniciou o movimento “Jovem na Europa”. Dois anos depois fundou na Inglaterra o jornal *Apostolado Popular* e criou uma escola para os jovens refugiados. Em 1848, quando as cidades italianas rebelaram-se, Mazzini criou em Milão o jornal *A Itália do Povo*. Após a retomada da cidade pelos austríacos juntou-se aos rebeldes comandados por Garibaldi. Foi eleito triúmviro em Roma e organizou a resistência na Capital, impondo severa disciplina durante meses. Coordenou novos levantes em Mântus (1852) e em Milão (1853), ambos fracassados. Quatro anos depois entrou na Itália clandestinamente e organizou insurreições em Gênova, Livorno e Nápoles. Tem novos fracassos e isto abalou seu prestígio. Mazzini tentou conquistar a classe italiana para seus ideais republicanos, mas foi incapaz de compreendê-la. Para seu desgosto o operariado dividiu sua preferência entre os anarquistas e os socialistas. Ao mesmo tempo, viu-se considerado elemento perigoso pelos partidários de Cavour, pois era demasiadamente republicano e democrata. Em 1858 fundou novo jornal em Londres, que, não obstante seu crescente isolamento político, tinha acesso surpreendente aos segredos diplomáticos. Mazzini não quis se comprometer com os princípios e atos de Cavour, sustentando que a unidade nacional da Itália estava sendo imposta aos cidadãos. Mas em 1860 foi utilizado por Cavour como espantalho, para forçar Napoleão II e Vitor Emmanuel II, da Sardenha, a aceitarem sua revolução conservadora. Com a formação do Reino da Itália (1861), Mazzini foi obrigado a viver em seu país com passaporte inglês sob o nome falso de Dr. Brown; continuou a pregar idéias republicanas. Seus trabalhos somam 48 volumes, divididos em 3

---

seções: Política, Literatura, Correspondência. Escreveu também *Fé no Futuro* (1835) e *Protocolo da Jovem Itália*.

<sup>7</sup> Cartas Íntimas.

<sup>8</sup> Edgard Quinet – escritor, político e filósofo francês; estudou na Alemanha e foi influenciado pelas idéias filosóficas vigentes naquele país. Amigo da filosofia alemã, condenava, no entanto, as ambições políticas germânicas. Nomeado professor do “Collège de França”, atacou o clero. Foi retirado do ensino por Guizot. Na Revolução de 1848 participou da extrema esquerda. Foi adversário do Bonapartismo, pelo que, por ocasião do golpe de Estado, foi banido e passou a viver em Bruxelas. Obras: *Napoleão e Prometeu*, *Asvero*, *Os Escravos*, *A Morte da Consciência Humana*, *O Gênio das Religiões*, etc. (N. T.)

<sup>9</sup> Doyle, Sir Arthur Conan – Escritor escocês nascido em Edimburgo em 1859 e desencarnado em Crowbrough, Sussex, em 1930. Formou-se em medicina pela Universidade de sua cidade natal, mas atraído pela obra de Edgar Allan Poe, interessou-se pelo romance policial. Criou o célebre detetive Sherlock Holmes em 1892. Escreveu *Memórias de Sherlock Holmes*, em 1893. Espírito aventureiro, participou de expedições às regiões árticas e à África. Durante a Guerra dos Boers, exerceu sua profissão no hospital de Langman Field, escrevendo, a seguir, *História da Grande Guerra Boers*. Foi conhecido como o “São Paulo” do Espiritismo. Seu primeiro encontro com os fenômenos espíritas ocorreu com o médium de fenômenos físicos em Sousea. Publicou, versando sobre o Espiritismo, as seguintes obras: *The New Revelation* - 1918; *The vital mesage* - 1919; *Wanderings of a Spiritualist* - 1921; *The coming of the faires* - 1922; *Our american adventure* - 1923; *Our second american adventure* - 1923; *Memories and adventures* - 1924; *Spiritualistes’ read* - 1924; *The lend of Mist* - 1926; *History of Spritualism* - 1926; *The case for Spirit fotografia* - 1924; *Pheneas Speaks* - 1927; *Our Africa Winter* - 1929; *The Edge of the Unknow* - 1930. O

---

reverendo John Lamodge publicou uma biografia de Conan Doyle em 1931 sob o título de *Arthur Conan Doyle, a Memoirs*. (N. T.)

<sup>10</sup> Sir Arthur Conan Doyle: *A Nova Revelação*, pág. 139.

<sup>11</sup> Janeiro de 1924. (N. T.)

<sup>12</sup> Cabo na costa do mar Tirreno, que está frente ao de Carybde, na água formando torvelinhos; constituía um lugar perigoso aos antigos navegantes; para se expressar a idéia de escapar de um perigo e cair em outro, usa-se “sair de Scylla para entrar em Carybde”. (N. T.)

<sup>13</sup> Fourier, Charles (1772 - 1837) – Célebre socialista utópico francês, brilhante crítico da sociedade burguesa. Pôs a nu as idéias e as promessas dos ideólogos da Revolução Francesa sobre a igualdade, fraternidade e justiça, por um lado, e a miséria da sociedade burguesa, pelo outro. O regime burguês está pervertido. A pobreza é criada pela superabundância de outros. Esta ordem social mutila o homem, afoga os seus sentimentos, seus desejos, seus pensamentos. Sobre o regime burguês a felicidade de uns é causa da desgraça de outros. Sob a influência das idéias professadas pelos materialistas franceses acerca do papel decisivo da educação Fourier elabora a sua teoria das paixões humanas, para provar a necessidade do aparecimento da sociedade socialista. São próprias do homem “Doze Paixões”: o gosto, o tato, a vista, o ouvido, o olfato, a amizade, a ambição, o amor, o familiarismo, o sentimento de fraternidade, a cabala ou paixão pela intriga, a paixão por “mariposar”, ou tendência à adversidade. Os moralistas somente haviam denunciado a depravação da natureza humana e exortavam a afogar as paixões. Na realidade, declara Fourier, é o regime social que está viciado. O homem é substancialmente bom. Trata-se de criar uma sociedade que favoreça a plena satisfação das paixões humanas, seu desenvolvimento e seu florescimento.

---

A partir dessas premissas, Fourier esboça o quadro da ordem social futura, cuja célula fundamental é a falange, composta de “diferentes séries de produção”. Todos os membros da falange têm direito ao trabalho. De bom grado oferecendo as suas paixões, enrolam-se nos diferentes grupos de produção. O trabalho é considerado na falange uma necessidade, uma fonte de gozo. A ausência da especialização estreita, que mutila o homem sob o regime burguês, contribui para isto. No curso da jornada, cada membro da falange muda de ocupação várias vezes. Assim, se satisfaz a necessidade de mariposar, a necessidade de variedade própria do homem. Fourier dizia dos homens do porvir que sua altiva intrepidez venceria todos os obstáculos; que para eles a palavra impossível não existiria. Na sociedade futura os interesses do indivíduo coincidirão com a sociedade. Chegar-se-á a uma abundância de bens materiais, como resultado de um trabalho criador e altamente produtivo. A distribuição na falange se faz, essencialmente, de acordo com o trabalho e o talento: 5/12 das entradas para o trabalho e 3/12 para o talento. Sob uma forma rudimentar, Fourier expressa a idéia da supressão da oposição entre o trabalho intelectual e manual, entre a cidade e o campo.

O socialismo de Fourier tem um caráter utópico. Fourier se opunha à revolução violenta. Desencantado, pensava organizar a sociedade socialista do porvir, graças à propaganda pacífica de suas idéias. Acreditava na possibilidade de criar falanges no capitalismo. Fourier se dirigia aos ricos, a quem confiava seus projetos na esperança de obter subvenções para executá-los. A fim de atrair os capitalistas, Fourier lhes prometia os quatro doze avos restantes das entradas. Igual aos demais socialistas utópicos, ignorava a missão histórica do proletariado. Fourier, Saint-Simon e Owen eram socialistas solitários a quem as massas não seguiam. O Socialismo não podia contar com uma saída eficaz para libertar a humanidade da escravidão capitalista.

---

Fourier exerceu uma grande influência no desenvolvimento das idéias socialistas. Marx o designava como um dos “patriarcas do Socialismo”. Junto ao de Saint-Simon e ao de Owen, o de Fourier constitui importante fonte teórica do comunismo científico. Obras principais: *Teoria dos quadro movimentos e dos destinos gerais* (1808), *Teoria da unidade universal* (1822) e *Novo mundo industrial e societário* (1829).

- <sup>14</sup> Proudhon, Pierre Joseph (1809 - 1865) – Literato, economista e sociólogo francês; um dos precursores do anarquismo contemporâneo. Sonhava com a perpetuação da propriedade privada e criticava a propriedade capitalista do ponto de vista “pequeno burguês”. No *Manifesto do Partido Comunista*, Marx e Engels fazem notar o encarniçamento de Proudhon em conservar “... a sociedade atual, mas sem os elementos que a revolucionam e a decompõem”. Ou dito de outra maneira, sem o proletariado revolucionário. Proudhon era um adversário da luta de classes, da revolução proletária, da ditadura do proletariado. Segundo ele, um “Banco popular” que concedesse o crédito gratuito permitiria aos operários adquirir os meios de produção e converterem-se em artesãos. Igualmente reacionária era a idéia utópica de Proudhon relativa aos bancos de intercâmbio que assegurariam aos trabalhadores a colocação eqüitativa de seus produtos sem atentar contra a propriedade capitalista dos instrumentos e meios de produção. A negação anárquica do Estado não impediu Proudhon de coquetear com o governo de Napoleão III, com esperanças de realizar os seus planos com o apoio do regime bonapartista. As obras de Proudhon, inclusive a *Filosofia da Miséria* (1846), são próprias de um metafísico que aborda a sociedade de um ponto de vista da justiça eterna, abstrata, e dada de uma vez por todas.

A história da sociedade, considerada à maneira do idealismo absoluto (de resto notavelmente vulgarizada) de Hegel, não é para ele mais do que a história das idéias e trata de apresentá-la em seu desenvolvimento dialético. Agora vem a dialética



---

proudhoniana que não tem nada a ver com a dialética hegeliana. Para Proudhon, a unidade dos contrários é uma soma mecânica de lados (bons e maus). Dessa maneira ele propunha reformar o capitalismo eliminando seus lados maus e criando o bom capitalismo. Proudhon é um dos fundadores do anarquismo. A *Filosofia da Miséria* foi submetida a uma crítica implacável em *A Miséria da Filosofia*, obra de Marx.

- <sup>15</sup> Bolchevismo – Pensamento da ala radical do Partido Social Democrata Russo, chefiado por Lenin. A origem etimológica do termo *bolchevique* (Bolshintsvo) relaciona-se com a votação levada a efeito no segundo Congresso de Bruxelas em 1902, em que a ala radical obteve maioria sobre os moderados, denominados mencheviques (*menshivtvo*, minoria). Os bolcheviques recomendavam o emprego de práticas revolucionárias, o fim da colaboração dos partidos burgueses e uma organização centralizada do partido, na qual só se admitiriam revolucionários profissionais. As diferenças ideológicas aumentaram a tal ponto que, durante o III Congresso e na Primeira Revolução Russa de 1905, os bolcheviques romperam definitivamente com os mencheviques. Em 1912, formaram numa Conferência de Praga um partido próprio, o Partido Trabalhador Social Democrata da Rússia. A 7 de novembro de 1917, os bolcheviques apoderaram-se do governo pela insurreição armada e instauraram a Ditadura do Proletariado, esforçando-se para pôr em prática o programa integral do marxismo. Finalmente em 1918, o partido Bolchevique, por proposta de Lenin, adotou o nome de Partido Comunista Bolchevique, denominação que conservou até 1952, quando mudou para Partido Comunista da URSS. (N. T.)
- <sup>16</sup> MacDonald, James Ramsay – Político inglês (Lossiemouth, Escócia; faleceu em alto-mar em 1937). Socialista na juventude, ingressou em 1884 no movimento trabalhista inglês. Em 1900, colaborou na organização do Partido Trabalhista (que lideraria de

---

1911 a 1914). Em 1916 foi eleito para uma cadeira do Parlamento, que só perderia em 1922. Nesse ano, voltou também a liderar o partido. Em janeiro de 1924, como Ministro das Relações Exteriores do primeiro gabinete trabalhista da Inglaterra, esforçou-se por uma aproximação com a URSS. Esse gabinete caiu em novembro de 1924, mas em 1929 a vitória eleitoral de seu partido lhe restituiu o cargo. A grande depressão econômica de 1929 levou-o a uma política severa; no ano seguinte o descontentamento gerado por essas restrições conduziu a uma cisão no próprio Partido. Em 1931, MacDonald formou um gabinete de coalisão com os conservadores e liberais. Esse governo, entre outras medidas, aboliu o padrão ouro e transformou as colônias inglesas em comunidades relativamente independentes. Em junho de 1935, MacDonald abandonou a direção do governo de coalisão e, em 1937, ocupou o posto de lorde presidente do Conselho no gabinete nacional chefiado por Stanley Baldwin. Morreu numa viagem à América do Sul.

<sup>17</sup> Ver Dr. Carton, *La vie sage*, Maloine Editor.